



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

THIAGO LOPES SANTOS

**EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E
IDOSOS (EJAI): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO
CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA**

AMARGOSA-BA

2019

THIAGO LOPES SANTOS

**EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E
IDOSOS (EJAI): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO
CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA**

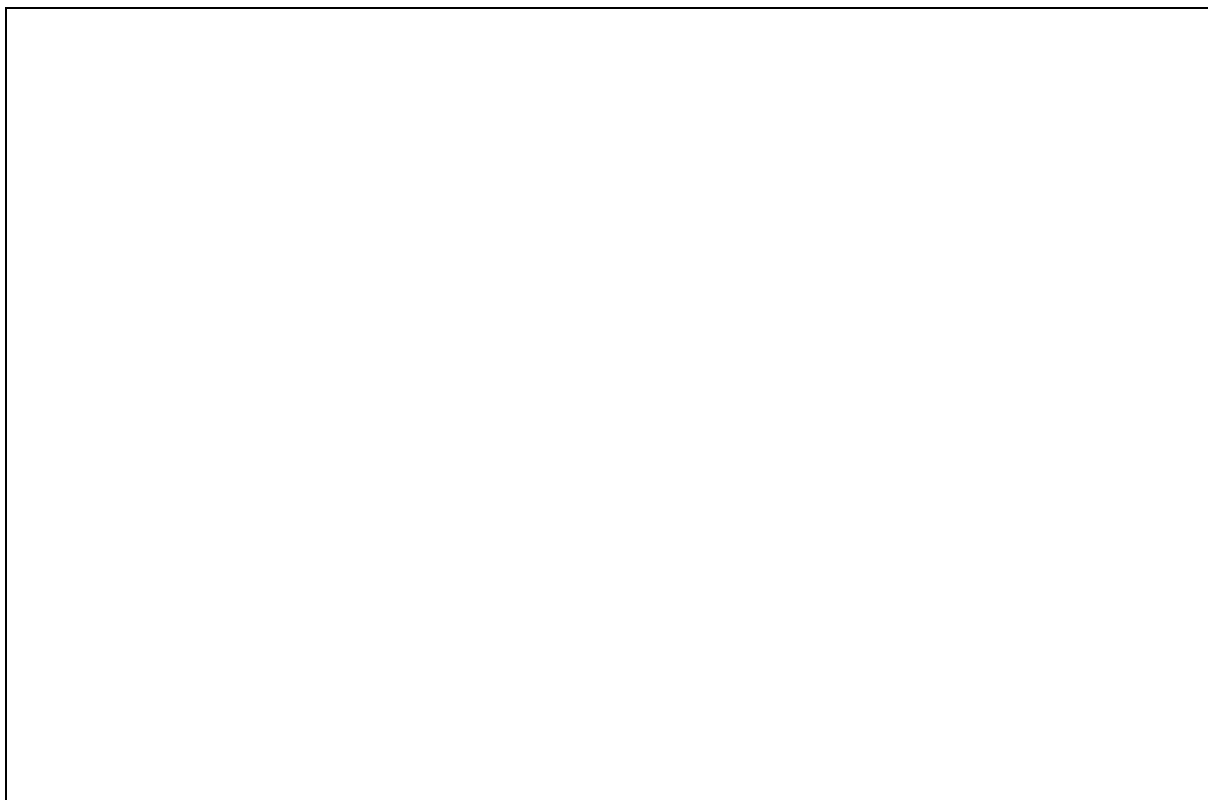
Monografia apresentada ao colegiado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciência Agrária, no Centro de Formação de Professores - CFP, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de graduação da Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias.

Orientador: Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira.

AMARGOSA-BA

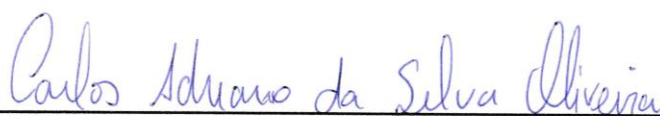
2019

Ficha catalográfica:

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the upper half of the page. It is intended for a catalog card (Ficha catalográfica).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS

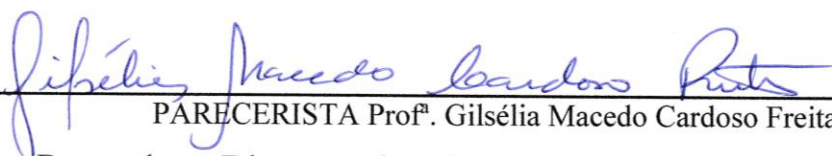
COMISSÃO PARECERISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
THIAGO LOPES SANTOS.



ORIENTADOR Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira.

Mestre em Educação – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – Brasil.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



PARECERISTA Profª. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas.

Doutorado em Educação pela Universidade Del Mar – UDELMAR – Chile.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



PARECERISTA Profª. Maria Eurácia Barreto de Andrade.

Doutorado em Educação pela Universidade Americana – UA – Paraguai.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DO
CURSO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS,
CONFERINDO O TÍTULO DE LICENCIADO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS
AGRÁRIAS A THIAGO LOPES SANTOS.

APROVADO EM 12/12/2019.

Dedico este trabalho aos oriundos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, por suas dificuldades e anseios, objetivando alcançar o aprendizado no contexto escolar, trazendo seus conhecimentos empíricos para sistematização em sala de aula, entrelaçando-os com o conhecimento científico ofertado através da escola. Nesse sentido, quero felicitar todos os estudantes egressos no ensino da EJA que buscam o aprendizado escolar diante da realidade vigente, visando o aprimoramento pessoal perante os desafios que lhes são impostos em suas jornadas de vida. Aqui também, registro, em formato de dedicatória, o fidedigno trabalho docente deste campo de atuação, proponente base da práxis educacional. Fico lisonjeado por escrever sobre a atuação docente na EJA que faz parte de uma educação popular vigente. Também dedico este trabalho aos meus familiares, dos quais, alguns só tiveram acesso à escola através da modalidade EJA, que consolidaram suas formações enquanto agentes de direito.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus pelo dom da vida, que é, para mim, uma dádiva, vivenciada a cada momento, dia após dia. Nesse sentido, tenho me fortalecido neste mundo em que os simples gestos são atitudes simbólicas essenciais à graça do viver incondicionalmente.

Meus fidedignos agradecimentos aos meus familiares, que me apoiaram ao adentrar no nível superior de ensino, colaborando na minha caminhada acadêmica, que é mais uma etapa da minha formação de vida. Estendo os cordiais agradecimentos a meus pais, que sempre me impulsionaram em minha formação docente, incentivando, através do acompanhamento neste processo de formação, mesmo ambos não tendo nível superior.

Na caminhada acadêmica, concorri à bolsas de estudo e fui agraciado com a participação no PIBID Diversidade, que contribuiu de forma fulcral na minha formação enquanto profissional de ensino, estabelecendo a práxis educacional, viabilizando e contribuindo, significativamente, com minha permanência nos estudos e na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

Deixo aqui registrado meu sincero agradecimento em poder participar do grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação CNPq (DOCFORM/ CFP/ UFRB), onde aprendi aspectos de uma pesquisa social, instigando a realidade para além do que é notável e visivelmente exposto, contribuindo, significativamente, em minha formação enquanto pesquisador.

Aos servidores públicos da instituição concedente, o Colégio Estadual José Malta Maia, onde foi desenvolvida a pesquisa da qual resultou este trabalho, meus sinceros agradecimentos. De forma exponencial, expresso minha solene gratidão aos professores e professoras protagonistas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI que participaram da pesquisa, corroborando para o campo da formação intelectual e social.

Quero externar minha gratidão ao corpo docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, prioritariamente, aos docentes do Centro de Formação de Professores - CFP. Quero, aqui, ressaltar meus agradecimentos aos profissionais que atuam na conjuntura da Educação do Campo, pois contribuíram de forma direta na minha formação acadêmica para uma futura práxis profissionais.

De forma especial, estendo meus fidedignos agradecimentos às docentes Gilsélia Macedo Cardoso Freitas e Maria Eurácia Barreto de Andrade, membros da banca examinadora, por se disponibilizarem a contribuir em meu processo de aprendizado que se consolida perante este escrito monográfico.

Estendo ainda meu agradecimento ao docente Carlos Adriano da Silva Oliveira, que orientou este trabalho, desde a realização da pesquisa até a escrituração do texto monográfico, de forma ética e prezando sempre pela qualidade do trabalho exercido, com isso, abrilhantando horizontes para o contexto social.

Claro que temos muito que aprender com os camponeses. Quando me refiro aos camponeses, o que quero realçar é nossa necessidade de aprender com os outros, a necessidade que temos de aprender com os educandos em geral. Costumo insistir em que devemos aprender com os camponeses porque os vejo como educandos num determinado momento de minha prática educativa. (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 202).

SANTOS, Thiago Lopes. **Educação do campo na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI):** reflexões de professores/as em uma escola no/do campo - Jiquiriçá-BA. Trabalho (monográfico) de Conclusão de Curso apresentado no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-BA, 2019.

RESUMO

A presente produção monográfica, realizada no curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias, no Centro de Formação de Professores - CFP da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, campus Amargosa-BA, estabelece como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a Educação do Campo na modalidade de ensino Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) em parceria com a instituição de ensino concedente, o Colégio Estadual José Malta Maia, sediado no município de Jiquiriçá-BA. A referida pesquisa tem como sujeitos professores/as da área de ensino da EJAI. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, mediada pela técnica de análise de conteúdo, com uso de questionário e entrevista semiestruturada na qual está articulada como o objeto analisado. Partimos da fundamentação de documentos oficiais sobre a Educação do Campo, bem como escritos de Arroyo (2011, 2014, 2017); Cortella (2014, 2015a, 2015b, 2018); Paulo Freire (2011, 2015a, 2015b); Roseli Caldart (2002, 2012); Souza (2015); dentre outros. A pesquisa enfatiza potencialidades acerca da conjuntura desenvolvida concernente a formação de professores/as no âmbito do diálogo entre ensino-aprendizagem para uma práxis pedagógica voltada a uma educação contextualizada com a realidade dos camponeses. Como resultados elucidados obtiveram-se, através das reflexões entre os professores/as pesquisados/as, referidos como agentes colaboradores da pesquisa, em que se encontra escriturada para o contexto de vivência dos mesmos, destacando que há necessidade de um olhar diferenciado através das políticas públicas para melhor atender este público docente, com formações continuadas e material didático (livro didático), necessário a prática docente, isso implica em um dever do Estado, direito previsto em lei. A pesquisa também nos fez pensar sobre uma perspectiva interdisciplinar, o trabalho na instituição com projetos pedagógicos que auxiliam a contextualização e a práxis pedagógica fomentada. Outro fator adjuvante da *pesquisa* é a prática aderida pela instituição que visa a construir os conhecimentos que estes estudantes trazem consigo, através das práticas pedagógicas, contextualizando a realidade com os conteúdos previstos ao ensino da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Palavras-chave: Educação do Campo; Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Professores/as.

SANTOS, Thiago Lopes. **Educación de campo en Educación de Jóvenes, Adultos y Ancianos (EJAI)**: reflexiones de docentes en una escuela en el campo - Jiquiriçá-BA. (Monográfico) Documento de Conclusión del Curso presentado en el Centro de Formación Docente de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia, Amargosa-BA, 2019.

RESUMEN

La actual producción monográfica realizada en el Grado de Educación Rural - Curso de Ciencias Agrarias, en el Centro de Formación Docente - CFP de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia - UFRB, campus Amargosa-BA, establece como objetivo analizar las percepciones de los docentes. sobre Educación Rural en la modalidad de enseñanza Educación para Jóvenes, Adultos y Ancianos (EJAI) en colaboración con la institución que otorga el Colegio Estatal José Malta Maia con sede en el municipio de Jiquiriçá-BA. Esta investigación tiene como asignaturas docentes del área docente de EJAI. Esta es una investigación cualitativa, mediada por la técnica de análisis de contenido, utilizando un cuestionario y una entrevista semiestructurada en la que se articula como el objeto analizado. Partimos de la base de documentos oficiales sobre Educación Rural, así como de escritos de Arroyo (2011, 2014, 2017); Cortella (2014, 2015a, 2015b, 2018); Paulo Freire (2011, 2015a, 2015b); Roseli Caldart (2002, 2012); Souza (2015); entre otros. La investigación enfatiza las potencialidades sobre la coyuntura desarrollada sobre la formación de docentes en el contexto del diálogo entre la enseñanza y el aprendizaje para una praxis pedagógica centrada en una educación contextualizada con la realidad de los campesinos. Como resultados aclarados se obtuvieron a través de las reflexiones entre los docentes investigados, referidos como agentes colaboradores de la investigación, en los que está escrito para el contexto de su experiencia, destacando que existe la necesidad de una mirada diferenciada a través de políticas públicas. Para servir mejor a este público docente, con capacitación continua y material didáctico (libro de texto), práctica docente necesaria, esto implica un deber del Estado, un derecho previsto por la ley. La investigación también nos hizo pensar en una perspectiva interdisciplinaria, el trabajo en la institución con proyectos pedagógicos que ayudan a la contextualización y la praxis pedagógica fomentada. Otro factor adyuvante de la investigación es la práctica adherida por la institución que tiene como objetivo construir el conocimiento que estos estudiantes traen con ellos a través de las prácticas pedagógicas, contextualizando la realidad con los contenidos proporcionados para la enseñanza de la educación de jóvenes, adultos y ancianos.

Palabras clave: Educación rural; Educación de jóvenes, adultos y ancianos; Maestros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de localização do município de Jiquiriçá-BA	34
Figura 2. Fachada da instituição escolar pesquisada Colégio Estadual José Malta Maia - CEJMM	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sistema avaliativo da instituição escolar para a EJAI presente no PPP	36
Quadro 2. Categorização dos colaboradores - instrumento de pesquisa questionário (2019).....	44
Quadro 3. Motivos de escolherem a docência na EJAI.....	47
Quadro 4. Auto avaliação da prática docente na EJAI.....	48
Quadro 5. Caracterização dos sujeitos - entrevista (2019).....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA – Bahia;

BNCC – Base Nacional Comum Curricular;

CEJMM – Colégio Estadual José Malta Maia;

CFP – Centro de Formação de Professores;

EJA – Educação de Jovens e Adultos;

EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos;

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

ITR – Imposto Sobre a Propriedade Territorial Rural;

PIBID Diversidade – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para a Diversidade;

PPP – Projeto Político Pedagógico;

Prof – Professor;

Prof^a – Professora;

SciELO – Scientific Electronic Library Online;

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: MARCOS DA RESISTÊNCIA DOS POVOS	19
3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJAI NO CONTEXTO DA PESQUISA	30
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA	34
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	39
5. A EJAI EM PAUTA: ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO	43
6. REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS: EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJAI.....	51
6.1 OS PROFESSORES/AS E A EJAI.....	55
6.2 DESTAQUES DA RELAÇÃO ENTRE EJAI E EDUCAÇÃO DO CAMPO	67
7. CONSIDERAÇÕES.....	75
8. REFERÊNCIAS	78
APÊNDICES.....	82

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação monográfica explana um trabalho de pesquisa de campo desenvolvido no curso de graduação da Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias no Centro de Formação de Professores (CFP), na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), campus Amargosa - BA.

A pesquisa delimita-se, em seu desenvolvimento, no território do Vale do Jiquiriçá, especificamente no município de Jiquiriçá - BA. O lugar da pesquisa é Colégio Estadual José Malta Maia, o único que oferece Ensino Médio no município e está sediado na cidade. Vale salientar que a instituição pesquisada oferta estudos nas modalidades de Ensino Médio em ambos os turnos, diurno nos períodos matutino e vespertino, e noturno, entretanto, a modalidade de Ensino Médio da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI somente é ofertada no período noturno.

O trabalho descrito apresenta uma pesquisa em uma escola no/do campo e faz o recorte da modalidade de ensino da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI. A questão/problema da pesquisa é: *Quais as percepções de professores/as da EJAI acerca da Educação do Campo em uma escola no/do campo de Jiquiriçá - BA?*

Como objetivo geral, buscou-se analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e EJAI em uma escola no/do campo de Jiquiriçá - BA. Nesta perspectiva, adota-se como objetivos específicos: 1- Traçar um histórico da Educação no/do Campo no Brasil e refletir sobre a identidade campesina; 2- Contextualizar a EJAI e sua relação com a Educação do Campo; 3- Refletir sobre as percepções de professores/as da EJAI acerca do trabalho com a identidade campesina em uma escola no/do campo de Jiquiriçá - BA.

Neste sentido, os profissionais de ensino, ou seja, os professores/as irão dispor as reflexões em prol das práticas pedagógicas para os educandos/as, além de externarem compreensões desta modalidade de ensino, a EJAI, contextualizando com a realidade vigente em sala de aula. O trabalho gera reflexões para os profissionais da educação que estão vinculados diretamente ou indiretamente com esta modalidade de ensino, fortalecendo a pesquisa científica para o campo da práxis de ensino.

Inicialmente, torna-se necessária a compreensão do que aqui se afirma como práxis, compreendendo o aspecto do fazer de uma ação não espontânea, porém, necessariamente, fulcral. Para entender a práxis, recorre-se a sua etimologia, que é o estudo da origem da palavra:

práxis que vem do grego *práxis*, que indica ação. Estendendo a compreensão, através da filologia, para as origens históricas aqui citadas e diante desta compreensão inicial, Schnorr (2015, p. 83) nos afirma, na condicionante humana, que: “Os seres humanos são seres da práxis, seres que emergem do mundo, que transformam e se transformam”.

Perante a ação da práxis dos camponeses, compreende-se que eles trazem consigo um legado de conhecimentos acumulados socialmente no campo empírico, que esta concepção se sobressai através da prática em sua essência, com isso entende-se que a natureza do conhecimento camponês faz dele um efetivo prático-empírico, sendo preponderante para a práxis a necessidade de fazer ensinando e ensinar fazendo, pois, ao mesmo tempo em que comunica oralmente explicações e saberes intrínsecos sobre o objeto, possibilita os sujeitos conhecerem na prática. Sendo assim, a ação propriamente dita é reafirmada. (TARDIN, 2012, p. 181).

Contudo a pesquisa se codifica de forma expressiva na compreensão das reflexões de professores/as, configurando assim a compreensão destes povos camponeses ao adentrar o ensino cordialmente aos conhecimentos que estes estudantes já têm e trazem em sua caminhada para o ambiente de aprendizagem, fazendo assim alcançar a práxis educacional.

Os professores/as pesquisados/as são professores/as que atuam em sala de aula na Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI, na unidade de ensino concedente. Durante a pesquisa na Instituição, refletimos com os/as professores/as sobre o desenvolvimento de conhecimentos que estão sendo realçados ao/no ensino contemporâneo promovido pela instituição, correlacionando com o cotidiano da formação. Desta maneira, a pesquisa busca refletir e, conseqüentemente, discutir sobre a percepção de professores/as acerca da identidade campesina vislumbrando também elementos da práxis educacional da Educação do Campo.

A EJAI apresentada no contexto escolar precisa problematizar as singularidades da Educação do Campo, enfatizando os camponeses, com ressalva para as experiências dos povos do campo e visibilizando os estudantes do campo, que têm um acúmulo de conhecimentos, trazendo reflexões fundamentais ao ensino contemporâneo. Nesse sentido, vale salientar a contribuição direta da pesquisa com a formação acadêmica e para a profissionalização enquanto licenciado.

O trabalho aqui descrito retrata a percepção desses professores da EJAI na perspectiva formativa neste contexto escolar, fortificando o conhecimento empírico acumulado com a assimilação de conhecimentos científicos ofertados pela instituição e contribuindo,

significativamente, para o desenvolvimento da práxis educacional. Contudo, quando se pensa na EJAI é preciso salientar que os sujeitos desta formação são trabalhadores, pessoas que têm esperanças de dias melhores em suas condições sociais.

Em acordo com Konder (2008), atentamos que através do trabalho o ser humano pode, pela primeira vez, contrapor-se como *sujeito* ao mundo dos objetos naturais. Se não fosse o trabalho, não existiria a relação sujeito-objeto. Pensar a Educação do Campo e a EJAI abarca a importância do trabalho como conceito-chave. Partindo do pensamento em que o trabalhador vive na condicionante do ativismo, sem ao menos refletir as suas práticas, é aí que vem o papel da escola potencializar reflexões sobre suas práticas de trabalho, levando a emancipação e elevação do pensamento crítico.

A escola possibilitar aos educandos o acesso a informações sobre aspectos históricos que levaram ao formato capitalista do trabalho atual, que geraram conflitos na comunidade e, atualmente, geram conflitos no mundo do trabalho (divisão social do trabalho, apropriação privada das fontes de produção, surgimento das classes sociais, exploração do trabalho, condições degradantes de trabalho) para, a partir desse conhecimento, realizar reflexões sobre as mudanças nas relações de trabalho nas quais estão inseridos os alunos da EJAI (KONDER, 2008, p. 29).

Pensar a prática de profissionais que ali concretizam suas vivências de ensino, promovendo o acesso à informações a estudantes que se inserem nesta modalidade. As concepções de ensino e aprendizado adquiridas através do campo teórico devem ser materializadas na prática de ensino, em busca dos objetivos propostos para aquele contexto estudantil.

Para análise, foi realizado um levantamento de artigos. O levantamento contou com a análise de sete estudos da biblioteca virtual *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), são eles: Barbosa (2016); Ciavatta e Rummert (2010); Di Pierro e Andrade (2009); Fávero (2007); Freitas e Silva (2016); Pereira (2007); Silva, Costa e Rosa (2011). Esses conjugam contribuições teóricas importantes, consolidando assim o estudo desenvolvido através da pesquisa, revelando lacunas a serem preenchidas e posteriormente potencializadas perante a pesquisa.

No levantamento e análise dos artigos, percebemos que não é visibilizado o trabalho da EJAI em escolas no/do campo. Diante disso, traz-se reflexões desta modalidade e a curiosidade

que nos impulsiona em forma de esperança para uma sociedade melhor, contextualizando com a realidade vigente entre educandos e educadores.

Nos artigos analisados, também percebemos a não visibilidade dos *idosos* perante o contexto do estudo. Não há menção aos idosos do campo que também comungam desta modalidade de ensino, haja vista o melhoramento de vida para a inclusão social, diante da comunicação que é estabelecida na escola, de forma científica, para auxiliar em um processo social destes povos. Assim, mesmo ciente da nomenclatura formal da Educação de Jovens e Adultos (EJA), politicamente nos posicionamos em incluir a dimensão dos idosos e aventamos, no trabalho, a utilização da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Como fundamentação, contamos também com contribuições de autores e autoras que embasam a pesquisa: Arroyo (2011, 2014 e 2017); Bardin (2009); Caldart (2002, 2012); Cervo (2007); Cortella (2014, 2015a, 2015b e 2018); Deslandes, Gomes e Minayo (2009); Fiod (2012); Freire (2011, 2015a e 2015b); Freire e Macedo (2011); Konder (2008 e 2009); Oliveira (2018); Santos (2018); Schnorr (2015), além de outros autores. Na dimensão do que rege a Lei brasileira, são evidenciados: Decreto Nº 7.352, de 4 de Novembro de 2010; Resolução Nº 2, de 28 de Abril de 2008. Além do Projeto Político Pedagógico (2018) da instituição pesquisada, Colégio Estadual José Malta Maia.

Justifica-se a importância do estudo como possibilidade de categorizar percepções de professores sobre uma modalidade de ensino que se institui a partir de sujeitos de direito que, em um determinado momento, tiveram negado, socialmente, o acesso à educação. Também uma realidade camponesa silenciada frente a lógica urbanocêntrica do ensino. Perante o corpo docente atuante, esta modalidade de ensino traça reflexões sociais sobre condições da educação de camponeses. Aqui, também buscamos reflexões sobre a formação desses sujeitos para o desenvolvimento social em articulação com o presente trabalho elucidado.

Em termos de estrutura, o trabalho monográfico conta com introdução, um capítulo sobre a Educação do Campo. O capítulo seguinte estabelece o conceito sobre Educação do Campo, abordando aspectos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI. O estudo possui um capítulo metodológico com os caminhos percorridos para alcançar os objetivos do estudo. Um capítulo, demonstra as análises dos dados produzidos com questionário. Posteriormente um capítulo com análise das entrevistas. As considerações finais da pesquisa aparecem como um último capítulo.

Em suma, a partir das reflexões dos professores, no ambiente escolar, buscou-se contextualizar as informações necessárias, atravessando EJAI, Educação do Campo e os princípios da Educação Popular, promovendo assim um nexo de informações essenciais à formação, abrangendo o contexto social destes povos que tiveram seus direitos usurpados socialmente. Dentro dessa proposta, no capítulo próximo, serão abordadas concepções da Educação do Campo e identidade campesina, em especial de sujeitos que estão inseridos no contexto educacional formal.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO: MARCOS DA RESISTÊNCIA DOS POVOS

[...] Após iniciar os estudos reconheci e aprendo cada vez mais como é importante haver uma educação contextualizada com a realidade camponesa para os filhos de agricultores. A Educação do Campo é uma pauta dos movimentos sociais que lutam pela melhora de vida do homem e da mulher camponesa, que vem ao longo de muitos anos sendo desvalorizados nesse processo histórico. É um ensino que propõe atender a demanda de uma educação de qualidade, que respeite as especificidades da vida neste contexto. (OLIVEIRA, 2018, p. 235).

Neste capítulo, apresenta-se, inicialmente, as concepções dos/as homens e mulheres camponeses/as, caracterizando-os e traçando marcos de resistência dos povos do campo. Discutimos a concepção da Educação no/do Campo, caracterizando o movimento por uma educação do campo, a apreensão de escolas no/do campo, em sequência, debatemos as disputas e conquistas no campo das políticas públicas, compreensão dos sujeitos e dimensão da formação.

Os povos do campo têm uma virtude social na função desempenhada em seu dia a dia, plantando, colhendo e comercializando a produção, estando sempre na ativa social, portanto, prevalecendo assim o desenvolvimento contemporâneo concomitantemente.

Os princípios que movem a Educação do Campo no contexto atual rompem paradigmas e apontam caminhos para os povos camponeses e isso evidencia sua origem nos anseios da luta popular que busca uma sociedade justa e igualitária a todos os seres humanos. Nestes aspectos, a Educação do Campo utiliza de uma proposta vinda dos povos do campo para contextualizar uma realidade para a própria classe social. A partir de então, os povos do campo ganham, através dos seus desejos e anseios, vitalidade perante a sociedade. Por entender assim:

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da *Educação do Campo*, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 324).

Portanto, para se compreender a sua origem, que vem de: “Uma realidade de injustiça, desigualdade, opressão, que exige transformações sociais estruturais e urgentes” (CALDART, 2011, p. 152). É preciso enfatizar os direitos que por muito tempo foram negados a estes povos,

mas que, hoje, tem se reconfigurado para identificar uma sociedade que busca uma equidade. Diante disso, percebe-se que:

O protagonismo dos movimentos sociais camponeses no batismo originário da Educação do Campo nos ajuda a puxar o fio de alguns nexos estruturantes desta “experiência”, e, portanto, nos ajuda na compreensão do que essencialmente ela é e na “consciência de mudança” que assinala e projeta para além dela mesma. (CALDART, 2012, p. 257).

Será imprescindível elucidar a educação *no/do* campo para aqueles que vivenciam em seu contexto e lutam por uma sociedade igualitária, para isso, ao abordar esta compreensão sobre os sujeitos que se inserem na EJAI, é preciso ressaltar a contextualização da realidade vigente que busca os conteúdos na realidade mediatizadora dos povos do campo, implicando na práxis de ensino. Nesse sentido, vale salientar que:

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento *por uma educação do campo* é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja *no e do* campo. *No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (CALDART, 2011, p. 149-150).

Diante disso, compreendemos que “trata-se de uma educação dos e não para os sujeitos do campo” (ARROYO, 2011). Tornando mais ampla a sua abrangência de ensino e contextualização com a realidade vigente, pois, é construída e configurada a partir de pessoas que tem laços com aquele contexto social, pensando a “escola *no e do* campo não precisam ser algo inusitado, mas sim podem passar a ser um componente *natural* da vida no campo.” (ARROYO, 2011).

Falar de EJAI e Educação do campo passa por instituir uma educação contextualizada com a realidade local para estudantes e profissionais de ensino. Entretanto, a educação do campo vem, para além das contextualizações da realidade local que implica nos conteúdos de ensino, preconizando os saberes existentes dos povos camponeses, para isso, essa contextualização abarca a dimensão da vida.

Nesse processo, é extremamente necessária a ação dos povos de direito:

A intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, e que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político, atribui à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social. Ela se coloca o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra-hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, para promover simultaneamente a transformação do mundo e a autotransformação humana. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 325).

Assim, pensando a EJAI e a Educação do Campo, atentamos que se solidifica como uma proposta atrelada à educação popular e configura-se perante os sujeitos de classes populares. O perfil de estudantes da EJAI é de pessoas que adentraram ou não ao contexto escolar, entretanto, por diversos motivos, não tiveram políticas de permanência qualificada que atendessem suas realidades locais para a continuação dos estudos, e isso causou a desistência e evasão estudantil, como nos afirma Arroyo:

Nos textos encontramos dados que mostram como no campo persistem incrustados todos os crônicos problemas de nossa educação: analfabetismo, crianças, adolescentes e jovens fora da escola, sem escolas, defasagem idade-série, repetência e reprovação, conteúdos inadequados, problemas de titulação, salários e carreira dos seus mestres. E mostram um atendimento escolar reduzido às quatro primeiras séries do ensino fundamental. Hoje temos ainda mais dados sobre esta realidade, e eles apenas confirmam um tratamento desigual e discriminatório da população do campo e a ausência de políticas públicas que alteram esta situação perversa. (ARROYO, 2011, p. 10).

Contudo, considerando o trato desigual e discriminatório descrito, a pesquisa delineou os aspectos da educação que visa, através da escola, à EJAI, pautada pela classe popular camponesa, olhando sua cultura e seus valores com uma amplitude capaz de promover a visibilização destes sujeitos sociais, partindo de:

Uma política pública que parta dos diferentes sujeitos do campo, do seu contexto, sua cultura e seus valores, sua maneira de ver e de se relacionar com o tempo, a terra, com o meio ambiente, seus modos de organizar a família, o trabalho, seus modos de ser mulher, homem, criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso; de seus modos de ser e de se formar como humanos. Fazer do povo do campo e dos seus processos de formação o ponto de partida para a formulação de políticas públicas educativas significa garantir o caráter popular destas políticas e sua articulação com um projeto de país e de campo. (ARROYO, 2011, p. 14-15).

Como foi elucidado anteriormente, a classe trabalhadora do campo deve buscar perante os seus interesses sociais uma educação contextualizada com a realidade local que visa uma solidez de informações e inferências locais para uma equidade social, prevalecendo as concepções da escola do campo e portando-se a compreender a educação do campo no contexto dos povos camponeses. Nesse sentido, é preciso explicar o direito previsto para estes povos acessarem o conhecimento científico acumulado socialmente.

Partindo dessa materialidade, a Educação do Campo, nos processos educativos escolares, busca cultivar um conjunto de princípios que devem orientar as práticas educativas que promovem – com a perspectiva de oportunizar a ligação da formação escolar à formação para uma postura na vida, na comunidade – o desenvolvimento do território rural, compreendido este como espaço de vida dos sujeitos camponeses. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 327).

Diante disso, a valorização cultural deve abranger o contexto escolar, conceitos e premissas relevantes aos povos, através de práticas que se encontram, culturalmente escassas. A Educação do Campo deve envolver o campo político do Estado, considerando que a política educacional está intrinsecamente vinculada ao estado de direito, que assiste a dignidade e a valorização dos povos.

Prevalecendo a ideia do professor/a como formador/a de opinião pública, é preciso, portanto, criar um trabalho formativo em classe, guiado por reflexões lógicas da realidade, contextualizando com o conteúdo científico aplicado e, posteriormente, observando através de inferências sobre o desenvolvimento que foi propiciado aos educandos/as e educadores/as o avanço proponente da práxis educacional.

Contudo, vale salientar que a relação destes sujeitos engloba uma dimensão de união mútua entre os envolvidos, pois assim corroboram com as reflexões propostas pela escola para o seu contexto, configurando a práxis de ensino e aprendizagem. A concepção de escola do campo, a ser tratada aqui, se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema, pelo acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazerem parte desta luta. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 325).

Partindo deste contexto, a realidade social dos povos camponeses por um longo período histórico sofreu manipulação ideológica, criando um movimento de disputa diante das posições e imposições das classes dominantes sobre as dominadas. Desta forma, a escola tem o papel

social de refletir sobre os aspectos fundamentais, a história e resistência dos povos, nesse processo.

O camponês, enquanto unidade familiar de produção e de consumo, assim como o campesinato, enquanto classe social em construção, enfrentam desafios fundamentais para garantir a sua reprodução social numa formação social sob a dominação do modo de produção capitalista: o camponês, para a afirmação da sua autonomia relativa perante as diversas frações do capital; o campesinato, para a construção de uma identidade social que lhe permita constituir-se como classe social e, portanto, como sujeito social na afirmação de seus interesse de classe. Ambas, a afirmação da autonomia relativa camponesa como a construção do campesinato como classe social se inter-relacionam numa dinâmica social marcada por relações de poder em disputa. (COSTA; CARVALHO, 2012, p. 116).

O campo de disputa da escola é um espaço que precisa ser acessado pelos povos camponeses, sobretudo na configuração do homem e mulher do campo. A história destes sujeitos enfatiza suas trajetórias ricas em consciência crítica e representadas pelas lutas populares, exercício sóbrio da mente humana que correlaciona com o trabalho exercido para um desenvolvimento profissional, social e pessoal.

Dito isso, pensando em outro campo de disputa, é necessário compreender que o Estado precisa intervir com ações previstas em Lei e regulamentadas por ela, pois, subtede-se que a emancipação dos sujeitos vem também por intermédio das políticas de Estado.

A Resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008, em seu Art. 1º, traz uma compreensão do que se trata sobre Educação do Campo, enfatizando a educação básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio. Sendo atendidas as populações camponesas em suas mais variadas formas de produção da vida camponesa, a exemplo de: agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampamento da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas entre outros. (BRASIL, 2008).

Vale enfatizar que o § 3º da resolução citada acima aborda que o desenvolvimento do ensino da educação do campo deve ser ofertado de preferência como ensino regular. Posteriormente, no § 4º está dito que deve atender, mediante procedimentos adequados, na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos, as populações camponesas que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos de Ensino Fundamental, valendo também ao Ensino Médio, em idade própria. Já o § 5º do Art. 1º prevê adotar providências necessárias às crianças e aos jovens portadores de necessidades especiais no que rege a Lei na modalidade de

educação especial residentes no campo para estudar em escola comum da rede regular de ensino. (BRASIL, 2008).

O Art. 3º enfatiza que a Educação Infantil, anos iniciais e Ensino Fundamentais devem sempre ser ofertados para os povos do campo nas comunidades camponesas. No Art. 6º está previsto que a Educação de Jovens e Adultos também deve ser ofertada nas comunidades camponesas, evitando o deslocamento do estudante. Posteriormente no Art. 7º, ressalta-se que a Educação do Campo deverá oferta sempre o apoio pedagógico aos estudantes, além de infraestrutura necessária ao desenvolvimento pedagógico. (BRASIL, 2008). Prezando pelo respeito mútuo a cultura com suas tradições e estilo de vida respeitando as diferenças entre a população assistida.

No Art. 7º, § 2º, as admissões dos professores para atuarem na Educação do Campo deveram considerar as especificidades locais, contudo, é prioritário aprimorar a formação dos profissionais que lá estão inseridos e também criar oportunidades de atuação para os egressos desta modalidade de ensino. (BRASIL, 2008).

O Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro do ano de 2010 propõe no Art. 1º uma política de Educação do Campo voltada a ampliação e qualificação da oferta da educação básica e superior destinadas as populações do campo em consonância com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação no § 1º, entretanto quando se trata de Educação do Campo, entende-se:

- I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e
- II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo. (BRASIL, 2010).

A partir do que foi dito, o Decreto estabelece conceito que são significativos para compreensão do que se refere ao campo e seus povos aglomerados em comunidades. Diante do que foi elucidado sobre as escolas do campo, é enfatizado, no § 2º, que serão consideradas turma do campo as vinculadas em escolas que podem ser apresentadas em sede de área urbana, conforme supracitado no inciso II do § 1º. Assim, a Educação do Campo se consolida nos espaços escolares para os povos do campo que conforme discorrido no:

§ 4o A educação do campo concretizar-se-á mediante a oferta de formação inicial e continuada de profissionais da educação, a garantia de condições de infraestrutura e transporte escolar, bem como de materiais e livros didático, equipamentos, laboratórios, biblioteca e áreas de lazer e desporto adequados ao projeto político-pedagógico e em conformidade com a realidade local e a diversidade das populações do campo. (BRASIL, 2010).

Vale ressaltar que estes povos têm direitos previstos e estabelecido em Lei os quais devem ser garantidos incondicionalmente. O que se refere no Art. 2o (BRASIL, 2010), sobre os princípios da educação do campo como norteadores para o respeito recíproco conforme elucidado a seguir, e são eles:

- I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II - incentivo à formulação de projetos políticos-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;
- IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e
- V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, 2010).

Um fator intrinsecamente relevante a esta condicionante previsto para os povos e que lhes foram negados deve ser revisto para ampliar o acesso dos povos camponeses e dá créditos a todos, com uma equidade social. Dito isso, no que se segue o Decreto Nº 7.352 de 2010 em seu Art. 3o, ressalta-se que cabe à União a criação e implementação de mecanismos que garantam a manutenção e o desenvolvimento da Educação no/do Campo com as políticas públicas educacionais, com o objetivo da superação das defasagens históricas de acesso à educação escolar pelas populações do campo, visando em especial:

- I - reduzir os indicadores de analfabetismo com a oferta de políticas de educação de jovens e adultos, nas localidades onde vivem e trabalham, respeitando suas especificidades quanto aos horários e calendário escolar;

II - fomentar educação básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos, integrando qualificação social e profissional ao ensino fundamental;

III - garantir o fornecimento de energia elétrica, água potável e saneamento básico, bem como outras condições necessárias ao funcionamento das escolas do campo; e

IV - [...].

Parágrafo único. Aos Estados, Distrito Federal e Municípios que desenvolverem a educação do campo em regime de colaboração com a União caberá criar e implementar mecanismos que garantam sua manutenção e seu desenvolvimento nas respectivas esferas, de acordo com o disposto neste Decreto. (BRASIL, 2010).

Faz-se extremamente necessário compreender que a Educação de Jovens, Adultos e Idosos deve ser admitida para os povos que por algum motivo, ao longo da suas vidas, deixaram de ter o acesso aos estudos, por isto, o Decreto regulariza a Lei já existente, reafirmando o que se tem previsto para estes povos.

Portando a compreensão do Art. 4o, fica implícito o apoio da União, por meio do ministério da educação, o apoio técnico e financeiro aos estados e municípios na implantação, ampliação e qualificação para as populações do campo e seus respectivos sistemas de ensino. (BRASIL, 2010). A seguir, discorre-se os enunciados previstos em Lei e que abrange a Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos em conformidade com a educação básica de ensino.

I - [...];

II - oferta da educação básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, com qualificação social e profissional, articulada à promoção do desenvolvimento sustentável do campo;

III - acesso à educação profissional e tecnológica, integrada, concomitantemente ou sucessiva ao ensino médio, com perfis adequados às características socioeconômicas das regiões onde será ofertada;

IV - [...];

V - construção, reforma, adequação e ampliação de escolas do campo, de acordo com critérios de sustentabilidade e acessibilidade, respeitando as diversidades regionais, as características das distintas faixas etárias e as necessidades do processo educativo;

VI - formação inicial e continuada específica de professores que atendam às necessidades de funcionamento da escola do campo;

VII - formação específica de gestores e profissionais da educação que atendam às necessidades de funcionamento da escola do campo;

VIII - produção de recursos didático, pedagógicos, tecnológicos, culturais e literários que atendam às especificidades formativas das populações do campo; e

IX - oferta de transporte escolar, respeitando as especificidades geográficas, culturais e sociais, bem como os limites de idade e etapas escolares. (BRASIL, 2010).

Convenhamos que estas afirmativas no campo do direito constitucional para os povos vêm sendo criadas por meio de políticas públicas que os sujeitos de direito devem se ater, concomitantemente os professores/as promovam reflexões para que todos possam ter acesso a educação. Educação aqui visa a qualidade de vida pessoal que refletirá no aspecto social. Isso evidencia que todos os espaços se configuram em aprendizado, pois os estudantes já chegam ao contexto educacional em posse de conhecimentos do mundo, sendo necessária a sistematização do conhecimento científico para aprimorarem suas práticas. O professor é necessariamente um agente fundamental nesta sistematização entre o conhecimento prático cotidiano e o conhecimento científico institucionalizado.

A busca incessante pela educação contextualizada para os povos do campo pelos próprios, através dos movimentos sociais que reivindicam a chegada de uma educação de qualidade, é pensada nos sujeitos ali inseridos e, posteriormente, a conquista perante a lei. Portanto, “a chegada a este ponto de nossa caminhada multiplica nossas responsabilidades e nossos compromissos. Conhecendo essa história de luta que faz a lei, sabemos também que a luta faz vigorar a lei.” (CALDART, 2002, p. 69).

É necessário compreendermos os traços históricos que levaram a alfabetização dos povos do campo por alguns marcos em destaque:

- a. MOVA do campo – Movimento de Alfabetização do Campo para todos. Preparar as jovens e os jovens do campo para serem os educadores.
- b. Viabilizar a EJA nas Escolas de Educação Fundamental e Média.
- c. Projetos alternativos de EJA: fundamental e médio.
- d. Organização da oferta atendendo à realidade dos diferentes grupos humanos. (CALDART, 2002, p. 15).

Em nosso entendimento, a busca por uma escolarização dos povos do campo, em termos de sua valorização, se sentirem pertencente à sociedade vigente, requer um projeto educativo que reafirma e dialoga com a *pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2005) na sua insistência de que são os oprimidos os sujeitos de sua própria educação, de sua própria libertação. Assim:

Parece-nos que tais afirmações expressam ainda uma inegável descrença no homem simples. Uma subestimação do seu poder de refletir, de sua capacidade de assumir o papel verdadeiro de quem procura conhecer: o de sujeito desta procura. Daí a preferência por transformá-lo em objeto do “conhecimento” que se lhe impõe. Daí este afã de fazê-lo dócil e paciente receptor de “comunicados”, que se lhe introjetam, quando o ato de conhecer,

de aprender, exige do homem uma postura impaciente, inquieta, indócil. Uma busca que, por ser busca, não pode conciliar-se com a atitude estática de quem simplesmente se comporta como depositário do saber. Esta descrença no homem simples revela, por sua vez, um outro equívoco: a absolutização de sua ignorância. (FREIRE, 2015a, p. 56-57).

O papel do homem e mulher que busca libertação, nos mostra que é necessário consciência para alcançar uma formação humana pautada de reflexões que se configuram em um movimento onde o saber está em constante aprimoramento, pois o *ser* está em constante transformação e se transforma constantemente para buscar se aprimorar. Esta concepção é constituída através de pesquisa e aprimoramento do modo de vida.

Neste sentido, a educação deve abordar aspectos do convívio daquele contexto em que os sujeitos de direitos estão inseridos para a partir disso propiciar reflexões posteriores a sociedade contemporânea com aspectos históricos para compreendermos o presente.

Portanto, ao abordarmos esta temática, buscamos contribuir com EJAI na realidade vigente ao município de Jiquiriçá - BA, sendo imprescindível pensar a consciência, libertação e processos de aprimoramento no cotidiano de educadores/as que trabalham na busca incessante de melhorias no ensino contemporâneo. Para isso, é necessário ampliar a compreensão do modo de vida e ideia de campo nos horizontes de formação.

O campo tem se originado de uma luta constante e disputas. Nessa dinâmica, ressaltamos aspectos para compreendê-lo não somente como lugar de produção agropecuária e agroindustrial, de pessoas que moram e sobrevivem, mas como um espaço de vida, trabalho, existência. Também de existência educacional em sua dimensão de formalidade e não-formalidade, para isso:

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar, com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação. (CALDART, 2002, p. 63).

Para isso, é preciso salientar e ressignificar que o campo compõe a parte fulcral da sociedade, pois dele retira-se todo o seu subsídio de sobrevivência para os sujeitos nesta complexidade.

Nessa dimensão da pesquisa, prevalece a ideia do professor/a como formador/a de opiniões públicas, pois possibilitar: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência

da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2015b, p. 24). Portanto, o trabalho formativo precisa ser de reflexão lógica da realidade vigente contextualizando com o conhecimento científico.

O processo de aprendizagem comunga do acúmulo de conhecimentos que se entrelaçam como afirma Freire que: “Não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. Não podemos duvidar de que conhecemos muitas coisas por causa de nossa prática” (FREIRE, 2011, p. 85). Sendo assim, a EJAI e a Educação no/do Campo se configura a partir dos povos que nele se inserem e pauta esta política de instituição, visando aos povos deste contexto na perspectiva de uma sociedade com equidade, prioritariamente pautada em Lei e no que diz respeito aos saberes destes povos de direito com um avanço para os moldes científicos. Após o debate de marcos de resistência e disputa da Educação do Campo no cotidiano de vida, políticas públicas e consciência de formação, o capítulo que segue debate a Educação do Campo na modalidade de ensino da EJAI configurado a partir do contexto da pesquisa.

3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJAI NO CONTEXTO DA PESQUISA

[...] os profissionais que ali se encontram e fizeram parte da minha vida de escolarização demonstraram entusiasmo por fortalecermos os vínculos anteriores e na atualidade podermos dividir anseios e esperanças juntos, unidos por uma força maior que é o projeto educacional do nosso lugar de origem. (SANTOS, 2018, p. 256).

Encontra-se aqui registrados os laços que movem o contexto da Educação do Campo com a EJAI no contexto global brasileiro e no lugar da pesquisa, em especial vinculado a uma análise do Projeto Político Pedagógico - PPP do Colégio Estadual José Malta Maia. Nessa relação, consideramos, singularmente, a EJAI em uma perspectiva da Educação do Campo, como fruto das lutas camponesas para assegurar aos trabalhadores do campo o acesso à educação.

As singularidades da EJAI são marcadas por seus sujeitos, assim:

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade¹ específica da educação básica, destinada aos sujeitos do campo e da cidade aos quais foi negado ao longo de suas vidas o direito de acesso à e de permanência na educação escolar, seja na infância, na adolescência, ou na juventude. As razões para esta negação estão ligadas a vários fatores, como condições socioeconômicas, falta de vagas, sistema de ensino inadequado e outros. (ARAÚJO, 2012, p. 250).

Os estudantes inseridos nesta modalidade de ensino têm por premissa a continuidade dos estudos, contudo: “Essa educação continuada pressupõe a capacidade de dar vitalidade à ação, às competências, às habilidades, ao perfil das pessoas” (CORTELLA, 2015b, p. 33). Portanto, estes estudantes trazem consigo os conhecimentos acumulados ao longo de suas vidas e cabe a instituição escolar estabelecer laços com os conteúdos ofertados para assimilação dos conhecimentos.

No campo brasileiro, caracteriza-se como educação de jovens e adultos as práticas educativas escolares e não escolares desenvolvidas com e para os trabalhadores jovens e adultos que habitam no campo brasileiro e que, nas suas trajetórias de vida, não tiveram a oportunidade de entrar na escola, ou, ainda, os que entraram e não puderam nela permanecer na idade regular. A EJA é ainda uma resposta às demandas por escolarização colocadas pelos sujeitos sociais do campo, demandas estas fruto de um longo período histórico de exclusão dos trabalhadores do acesso à educação escolar. A EJA é mais do que alfabetização apenas (embora esta seja a condição fundamental). (ARAÚJO, 2012, p. 251).

Com dito anteriormente, ao abordar a ideia de EJA, agregamos à pesquisa a dimensão dos Idosos, que pertencem a este contexto social, assim pensamos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI no Colégio Estadual José Malta Maia, no município de Jiquiriçá-BA.

Nesse sentido, estamos em acordo com Arroyo (2017), ao alertar sobre as trajetórias coletivas de negação de direito, de exclusão e marginalização, que pressionam a EJAI. Vital lutar para se caracterizar como uma política afirmativa. Nesse caminho importante ter cuidado com afirmações genérica como “jovens e adultos”, em especial porque ocultam e ignoram que a EJAI é, de fato, uma política afirmativa e, como tal, deve ser equacionada essa dimensão. Ainda nessa esteira:

As práticas desenvolvidas pelos movimentos sociais camponeses apontam uma perspectiva de EJA para além da escolarização, considerando os aprendizados que os trabalhadores vão adquirindo por meio de suas experiências de lutas e de trabalho, sem negar a importância fundamental da educação escolar como espaço privilegiado de acesso aos conhecimentos socialmente produzidos pela humanidade. (ARAÚJO, 2012, p. 251).

Na perspectiva de entrelaçarmos conhecimento em sala de aula, as atividades ministradas fluem com um aprendizado mutuo e para isso, o professor precisa desenvolver mecanismos que viabilize esta diversidade de conhecimentos escondido no íntimo de cada um, em sala de aula. Portanto: “O outro me renova, nós nos renovamos” como afirma (CORTELLA, 2015b, p. 79).

Nesta perspectiva, o avanço social engloba os sujeitos que deste espaço fazem parte e se compreendem como formadores de opiniões e procuram avanços sociais e pessoais, através do estudo que comunga da qualificação do pensamento crítico, proporcionado pela escola, com reflexões pertinente ao contexto vivenciado.

Pensando a EJAI, torna-se perceptível o desafio do acesso a escolarização de pessoas que tem um potencial particular de aprendizagem no que diz respeito ao campo empírico de suas vidas. As sucessivas reprovações dos sujeitos que tem uma vida árdua de estudo e trabalho, trabalho este que se configuram no âmbito de conseguir o seu próprio sustento. Estas reprovações de filhos de camponeses induz a busca pela aceleração escolar com um pensamento social do trabalho como formador para a manutenção da vida.

Um dos maiores desafios dos povos do campo está vinculado a trajetória de vida árdua, eles traçam uma batalha constantemente para a manutenção de uma vida digna. Na escola

urbanocêntrica e no contexto de discriminação e medo de retaliações que podem sofrer, alguns não se afirmam com a identidade camponesa, não afirmam seu lugar de origem.

Ao ser trabalhado a temática da Educação do Campo na EJAI, pensamos nos aspectos formativos de homens e mulheres do campo, nos processos intensos de luta, com isso, desdobra-se o desafio da construção da identidade camponesa no ambiente de ensino e aprendizagem. Ao abordar esta temática, viabilizamos também reflexões sobre a vida camponesa e seus processos de construção social que refletem no contexto escolar.

A educação de jovens e adultos no contexto das lutas sociais do campo surge como necessidade de prosseguimento das lutas sociais em várias dimensões desenvolvidas pelas organizações e movimentos sociais do campo. Observando a situação do acesso à educação de Jovens e adultos no campo e nas cidades do Brasil, constata-se um quadro de exclusão e marginalização, evidenciando uma realidade marcadamente desfavorável à população camponesa. (ARAÚJO, 2012, p. 251).

A busca por uma escolarização faz com que estudantes da EJAI se sentam pertencentes à sociedade. Diante disso:

Assim, as políticas que nortearam a educação de jovens e adultos no Brasil pouco se preocuparam com os homens e as mulheres trabalhadores do campo. Desse modo, não tivemos, até hoje, um sistema de ensino adequado às especificidades no que diz respeito aos modos de vida dos adultos trabalhadores do campo com a qualidade necessária para que tenham possibilidades de acesso aos conhecimentos mais avançados e plenos que a humanidade produziu. O que tem ocorrido, na maioria das vezes, são campanhas, programas e projetos descontínuos, não existindo uma política de ações efetivas para a educação de jovens e adultos. (ARAÚJO, 2012, p. 253).

Em diálogo com a citação, como nos adverte Arroyo (2017), os estudantes são passageiros da noite caminhando em viagem escolar através das hierarquias sociais, raciais e sexuais de que os adolescentes, jovens e adultos são vítimas históricas de exclusão escolares, passageiros para mais uma viagem escolar. Esse é o lugar da EJA nas hierarquias escolares, uma última porta de emergência no hierárquico percurso escolar a transportar esperanças do último ônibus, da última viagem escolar, nunca foi fácil nessa última viagem reverter às hierarquias escolares, os adolescentes, jovens e adultos são vítimas históricas de tantas tentativas de abrir outras possibilidades de desconstruir hierarquias.

Em uma perspectiva de emancipação dos sujeitos, as tentativas de mestre-alunos/as devem se fazer presente em currículos que não ocultem, mas revelem essas hierarquias e

garantam, ao próprio adolescentes, jovens, adultos e idosos o direito a saberem ao conhecimento, vitimados, porém resistentes a essas hierarquias no sistema escolar e na sociedade (ARROYO, 2017). Essas hierarquias também se ampliam diante da forma como se concebe a EJAI a nível de Estado.

A ausência do Estado brasileiro na implantação de políticas públicas para a educação de jovens e adultos é respondida pela sociedade civil organizada (a exemplo do Movimento de Educação de Base da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB) ainda no início da década de 1960, com ações de alfabetização e capacitação em associativismo e cooperativismo para as comunidades rurais. Mais recentemente, os movimentos sociais, ao seu modo, vêm buscando possibilidades de alfabetização e de escolarização para os trabalhadores do campo. Pode-se dizer que, na atualidade, a EJA no meio rural constitui resposta às demandas por escolarização dos trabalhadores organizados em seus movimentos e organizações sociais. Assim, a EJA, como parte do movimento de lutas sociais, tem origem nas experiências isoladas de luta e permanência na terra em várias partes do país. Primeiro, tratava-se apenas de iniciativas no campo da alfabetização, que foram inauguradas pelas forças populares; posteriormente, os próprios movimentos de lutas sociais se organizaram e ampliaram o seu processo de educação de adultos, numa perspectiva mais ampla, que envolve outros níveis de escolarização e que visa às necessidades que surgem da própria luta social. (ARAÚJO, 2012, p. 253-254).

Outro ponto que deve ser enfatizado, neste ensejo, são as predominâncias cuja fonte principal é a dos recursos destinados e acatados por algumas instituições governamentais e não governamentais. O desafio atual aponta uma negligência com a EJAI nos parâmetros da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, sancionada no ano de 2018.

Houve uma negligência por parte do Estado em pensar um processo educacional verticalizado e não abrangendo as contextualizações que a diversidade brasileira tem. Diante disso, a alternativa é o professor tomar iniciativas, também do ponto de vista das políticas públicas, que alimente a configuração local de ensino pautado na realidade do educando.

A Educação do Campo bem como a EJAI, na política desenvolvida através da Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2018, ficou sendo apenas citada como uma modalidade de ensino, sua abrangência e peculiaridades não são expressas no documento, essa posição pode gerar mais desafios contemporâneas em ambos os processos educacionais.

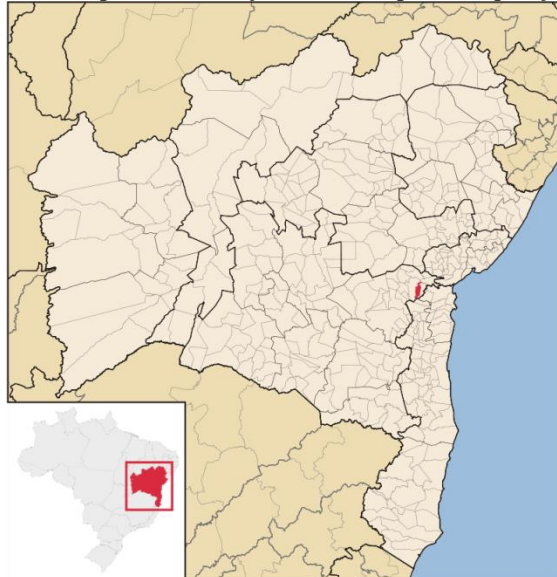
Na seção a seguir será contextualizada uma discussão sobre o município de Jiquiriçá-BA, o qual tem seu histórico relatado, evidenciando referências ao contexto da pesquisa. E,

além de criar vínculos de dados, abrange também o contexto escolar onde foi desenvolvida esta pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O município de Jiquiriçá conta com uma área de unidade territorial abrangendo 238,602 km² sendo que tem uma população estimada de 14.118 pessoas, com uma densidade demográfica de 58,97 hab/km² (IBGE, 2010). Os gentílicos do município de Jiquiriçá são denominados Jiquiriçaenses.

Figura 1. Mapa de localização do município de Jiquiriçá-BA



Fonte 1: (JIQUIRIÇÁ, 2019).

O município de Jiquiriçá encontra-se localizado na região nordeste, na mesorregião do Centro Sul Baiano e microrregião de Jequié, fazendo limite territorial com os municípios de Mutuípe, Ubaíra, Laje, Amargosa e Teolândia. Além disso, ele leva o título do nome de todo o seu território: Vale do Jiquiriçá que contém vinte cidades adjacentes, sendo elas: Jiquiriçá, Mutuípe, Laje, São Miguel das Matas, Varzedo, Elísio Medrado, Amargosa, Milagres, Brejões, Lafaete Coutinho, Nova Itarana, Planaltino, Maracás, Lajedo do Tabocal, Itiruçu, Jaguaquara, Itaquara, Cravolândia, Santa Inês, Ubaíra.

A unidade concedente de ensino em que foi realizada a pesquisa encontra-se localizada no centro da cidade de Jiquiriçá, na Avenida Presidente Vargas, número 33. O município oferta

todos os segmentos da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais, Ensino Fundamental anos finais, Ensino Médio, Educação de Jovens, Adultos e Idosos para o Ensino Fundamental anos finais e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos para o Ensino Médio.

A instituição pesquisa Colégio Estadual José Malta Maia oferta o Ensino Médio e está localizado na sede do município de Jiquiriçá-BA.

Figura 2. Fachada da instituição escolar pesquisada Colégio Estadual José Malta Maia - CEJMM



Fonte 2: ARQUIVO DO AUTOR, 2019.

O público pesquisado foram professores/as atuantes na educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJA, no Colégio Estadual José Malta Maia, que cumpriram com a pesquisa elencada fortalecendo vínculos para o contexto científico. Na instituição pesquisada, assume a nomenclatura de Educação de Jovens e Adultos (EJA), vinculado à proposta de educação do Estado da Bahia. As etapas são compreendidas como tempos formativos, sendo aceito a matrícula a partir dos dezoito anos de idade e tem uma duração prevista de no mínimo dois anos. Outro fator em destaque é que o currículo se encontra organizado em eixos temáticos, sendo o eixo VI as séries do primeiro e segundo ano e o eixo VII correspondente à série do terceiro ano do Ensino Médio (JIQUIRIÇÁ, 2018).

Outro ponto em destaque sobre a instituição escolar é que ela desenvolve uma educação por meio de temas geradores, executada pelos professores/as nas diferentes áreas do conhecimento. As disciplinas são organizadas da seguinte forma: Eixo VI, contemplando as

áreas de Linguagens com Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Artes e Língua Estrangeira, e a área de Ciências Humanas com as disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia; O Eixo VII é estruturado com a área de Matemática e a área de Ciências da Natureza composta pelas disciplinas de Biologia, Física e Química. Inclui-se também no eixo VII a disciplina de Artes (JIQUIRICHÁ, 2018).

O sistema avaliativo da instituição escolar, somente sendo reportado ao que tange a EJA, não se avalia por nota, sendo assim, submete-se ao campo qualitativo do desempenho dos educandos, pois os professores avaliam os estudantes através de conceitos, considerando aspectos cognitivos específicos. Diante a estes, estabelece o conceito *C*, que significa *Construído*, caso o estudante demonstre habilidades e tenha um número considerável de faltas recebe o conceito *EC*, que significa *Em Construção* e quando o estudante não apresenta aprendizagem condizente com as solicitadas recebe o conceito *AC*, que significa *A Construir* (JIQUIRICHÁ, 2018). Segue em tabela os aspectos avaliados, fornecidos pela própria instituição:

Quadro 1. Sistema avaliativo da instituição escolar para a EJAI presente no PPP

Tempo Formativo III							
Aspectos Cognitivos	Marque X			Aspectos Sócio-formativos	Marque X		
	AC	EC	C		AC	EC	C
Apresenta um discurso bem articulado				Tem abertura para a construção coletiva			
Utiliza a linguagem formal/ sinalizada/ artística				Convive com base no respeito às diferenças			
Ler e escreve bem				Tem desenvolvido a autonomia intelectual			
Apresenta bom nível de reflexão e sistematização dos conhecimentos construídos				Utiliza o diálogo na construção da aprendizagem			
Apresenta postura crítica frente à realidade (social, política, econômica, cultural e religiosa)				Apresenta disposição para liderança			
Apresenta uma visão de mundo própria							
Aplica conhecimentos escolares na vida prática							

Fonte 3: (JIQUIRICHÁ, 2018).

Diante desses aspectos, acentuamos reflexões que se configuram na vivência cotidiano dos povos do campo, esse elemento conseqüentemente evidencia a luta popular para um marco social que reafirma a vida digna. Porém, deve-se chamar atenção para alguns pontos fundamentais que são as concepções formadas a partir de opiniões próprias, conquistadas e traçadas pelos próprios sujeitos da caminhada de informações, evidenciando assim que:

Revelam, indubitavelmente, uma falsa concepção do como do conhecimento, que aparece como resultado do ato de depositar conteúdos em “consciências ocas”. Quanto mais ativo seja aquele que deposita e mais passivos e dóceis sejam aqueles que recebem os depósitos, mais conhecimento haverá. (FREIRE, 2015a, p. 55-56).

Em hipótese alguma deve-se defender essa dimensão de educação bancária denunciada por Freire. Os cuidados com a prática e a formação devem ser cotidianos. Ainda ampliamos o diálogo sobre a importância da EJAI.

Essas cartografias do espaço e do viver dos periféricos revelam ainda questões a trabalhar nos currículos de formação dos docentes-educadores: revelam cartografias para entender a história da EJA não só nos espaços periféricos, mas na periferia do próprio sistema educacional, na periferia das políticas públicas. Revelam a condição periférica dos docentes que optam pela EJA. O último turno? A última opção? Para completar salário? (ARROYO, 2017, p. 33-34).

Um ponto que toca na EJAI, como tempo de educação: no pensamento pedagógico há estudos que partem do reconhecimento do trabalho como a relação social fundamental é fundante do modo humano de existência. Fundante dos processos de formar-nos-humanos. Sendo o trabalho tão determinante de seu viver, sobreviver e de suas identidades coletivas, de suas leituras de se e do mundo, e sendo o trabalho o princípio educativo formador de seus valores e saberes, impõe-se perguntas a seus profissionais: Que centralidade dar a suas experiências de trabalho como educador/as? Há projetos que reconhece a condição de trabalhadores/as desde a matrícula? (ARROYO, 2017).

Freire nos adverte que é:

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na “falta”

de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma *ausência* na sala. (FREIRE, 2015b, p. 64).

Ainda em virtude do relevante papel desenvolvido pelo professor como agente no processo de formação, Freire vai dizer:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2015b, p. 40).

Sendo de fundamental importância esta reflexão para que o professor/a tenha uma desenvoltura a cada dia melhorada no ambiente educacional. Isso submete a inserção da memória no ambiente escola, que partam de práticas para possíveis melhorias. Convenhamos que o aprendizado se configura em reflexões e práticas, assim como em aspectos do desenvolvimento social. O capítulo que segue demonstra a metodologia de pesquisa do estudo.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, aborda-se a metodologia utilizada na pesquisa de campo com professores/as na unidade de ensino concedente, o Colégio Estadual José Malta Maia. Como afirmamos anteriormente, estabeleceu-se como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) no município de Jiquiriçá - BA.

Os sujeitos da pesquisa são professores/as da EJAI do Colégio Estadual José Malta Maia em Jiquiriçá - BA. No desenvolvimento deste trabalho utilizamos a aplicação de questionário para todos os professores/as da instituição de ensino que lecionam na EJAI (treze professores/as) e em sequência realizou-se entrevistas semiestruturadas com quatro professores da EJAI.

No estudo, em que se engendra através das teorias e pensamentos, fortalece a entender “por *pesquisa* a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”. (MINAYO, 2009, p. 16).

Partimos de uma pesquisa científica de caráter e abordagem qualitativa e seus desdobramentos perante o objeto pesquisado que é a modalidade de ensino da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, através das reflexões de professores/as imbuídos no contexto da Educação no/do Campo. O texto propõe, em seu desenvolvimento, uma abordagem de pesquisa qualitativa na qual visa a compreender que: “O objeto das Ciências Sociais é *histórico*.” (MINAYO, 2009, p. 12). Portanto, a compreensão de conhecimentos acumulados e indagados para o avanço social.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p. 21).

Entretanto, as inquietações que vão surgindo nos seres humanos se devem ao fato de o conhecimento não se esgotar em sua totalidade, é preciso compreender sobre: “O fato de nunca sabermos tudo, ao mesmo tempo e de todos os modos, não significa que nada saibamos”

(CORTELLA, 2015b, p. 32). Para isso, algumas considerações pertinentes ao campo da pesquisa são imprescindíveis, pois cria possibilidade de avançar sobre aquele determinado contexto social, como nos diz Freire: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa”. (2011, p. 84).

O fato de não sabermos todos os assuntos acumulados socialmente nos remete a sensação que alcançamos o necessário para aquele contexto em que estamos, por isso, devemos dá continuidade à pesquisa, pensar desvelamentos para práticas e reflexões futuras. Aqui, problematizamos nossa condição inconclusa:

[...] Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-socioculturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima é também conhecimento e não só expressão dele. (FREIRE, 2015b, p. 54).

A realização de uma pesquisa é precedida de inquietação e para responde-las é preciso buscarmos referenciais que sustentem possíveis reflexões, isso, nos revela que: “Uma pesquisa sem teoria corre o risco de ser uma simples opinião pessoal sobre a realidade observada” (MINAYO, 2009, p. 19). Assim, em diálogo com Freire (2015a), atuamos refletindo sobre nossa ação transformadora sobre a realidade. Isso demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Dessa maneira:

Começemos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se faz um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. Sua presença num tal mundo, presença que é um *estar com*, compreende um permanente defrontar-se com ele. (FREIRE, 2015a, p. 45-46).

No entanto, as inquietações prepositivas que venham a surgir trazem à tona o contexto do pesquisar, criando caráter crucial a sociedade humana na busca pela cientificidade. Cabe advertir que a cientificidade, portanto, tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelo e normas a serem seguidas. A história da ciência

revela não um a priori, mas o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2009).

Sendo assim, a pesquisa é constituída de um trabalho artesanal, realiza-se fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas. A linguagem que se constrói com um ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos *ciclo de pesquisa*, ou seja, um peculiar processo de trabalho em espiral, que começa com uma pergunta sobre o objeto e termina com uma resposta ou produto sobre aquela investigação que dá origem a novas interrogações futuras. (MINAYO, 2009, p. 26).

Em diálogo com essa dinâmica, anunciamos nossa técnica de análise de dados, *a análise de conteúdo*. Para cada caso e para muitos outros, as ciências humanas facultam um instrumento: a *análise de conteúdo* de comunicações. Esta técnica, ou melhor, estas técnicas implicam um trabalho rigoroso. Nesses caminhos, pretende-se compreender os dados para além dos seus significados imediatos. (BARDIN, 2009).

Para delimitar a pesquisa apontamos na quantidade de quatro professores entrevistados, sendo escolhidos a partir de critérios como tempo de vivência educacional no campo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, além do interesse em participar da pesquisa como voz ativa. Utilizamos como método as entrevistas com questões semiestruturadas, pois entende-se que viabiliza a pesquisa no contexto social dos sujeitos pesquisados. Com isso, estabeleceu-se uma comunicação entre o entrevistado e o entrevistador, e entrevistador e entrevistado como o propósito do avanço pelo objeto pesquisado nessa interlocução.

Assim, a busca incessante, através de uma problemática, inaugura a comunicação: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”. (FREIRE, 2015a, p. 51).

Nesse processo, o diálogo será analisado à luz da análise de conteúdo. A técnica de análise adequada ao domínio e ao objetivo pretendido tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, próximo da decodificação e das respostas às perguntas abertas de questionários cuja conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 2009, p. 32).

O diálogo com a análise de conteúdo consiste também como critério estabelecido para o trabalho e pressupõe a busca do rigor científico pretendido. Esse escopo se debruça na realização das entrevistas. A entrevista, como técnica social de análise, investiga de forma

científica, sendo sistematizada e adaptando-se, no momento, para outros pontos que se desdobrem por necessário assim fazer.

A definição para a análise de conteúdo é evidenciada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, entretanto, só isso não é suficiente para definir a especificidade de análise de conteúdo. (BARDIN, 2009, p. 40). Para isso, é necessário se portar a definição adequada à inferência, como equivalente ao raciocínio, pois através da inferência, somos levados a tirar conclusões a partir de premissas conhecidas.

A inferência, portanto, é uma operação mental que leva a concluir algo, a partir de certos dados antecedentes. Configurando assim em uma extensão do conhecimento de uma passagem do conhecimento ao não conhecido. Implica uma espécie de salto dos dados estabelecidos e a verdades aceitas para novas verdades como elas relacionadas. Este salto ou passagem recebe sua justificação da validade do antecedente e da continuidade lógica que a inteligência crê descobrir entre os fenômenos explicados e os fenômenos novos (CERVO, 2007).

Contudo, faz-se necessário estabelecer uma conscientização do questionar para partirmos em direção a pesquisa: “E, quanto mais se pergunta, tanto mais sente que sua curiosidade em torno do objeto do conhecimento não se esgota. Que esta só se esgota e já nada encontra se ele fica isolado do mundo e dos homens.” (FREIRE, 2015a, p. 106). “Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento”. (FREIRE, 2011, p. 20).

O capítulo que segue aponta inferências da aplicação dos questionários. As informações obtidas, através dessa ferramenta, foram cruciais para análises e obtenção de dados, em especial a caracterização dos sujeitos da pesquisa, para serem potencializadas através das entrevistas, realizadas posteriormente. Sendo assim, segue o capítulo sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI e análise dos dados do questionário.

5. A EJAI EM PAUTA: ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

Neste capítulo, problematizamos os dados obtidos através da pesquisa qualitativa elucidada que foram realizadas com professores/as da EJAI do Colégio Estadual José Malta Maia em Jiquiriçá - BA. No desenvolvimento deste trabalho utilizamos a aplicação de questionário para todos os professores/as da instituição de ensino que lecionam na EJAI (treze professores/as) e em sequência realizou-se entrevistas semiestruturadas com quatro professores da EJAI, através das quais obtivemos dados que aqui seguem escriturados.

O instrumento de produção de dados da pesquisa que abrangeu todos os docentes da instituição foi o questionário, nele, os profissionais docentes disponibilizaram dados com perguntas fechadas e abertas que contribuíram, imprescindivelmente, para identificar o público que está sendo pesquisado, selecionar, posteriormente, os entrevistados e traçar reflexões sobre o sistema educacional de ensino voltado a Educação do Campo e Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI.

Percebeu-se que parte significativa dos docentes que participaram do questionário são recentes nesta modalidade de ensino (EJAI), entretanto, contribuíram de forma imprescindível na pesquisa, criando reflexos e reflexões para o direcionamento fomentado. O público docente da instituição concedente é oriundo de vários municípios adjacentes.

Abordamos as reflexões obtidas, através do questionário, configurando o público docente da instituição em que foi desenvolvida a pesquisa. Foram aplicados treze questionários com um retorno em tempo ágil de dez profissionais ficando fora da pesquisa apenas três, pois não conseguiram entregar no prazo estipulado para a referente pesquisa.

Ao aplicar o questionário entre os professores/as da instituição concedente, foram obtidos uma série de levantamentos que posteriormente foram aprofundados na pesquisa, através das entrevistas. Abaixo, o quadro com dados levantados no questionário:

Quadro 2. Categorização dos colaboradores - instrumento de pesquisa questionário (2019)

	SEXO	IDADE	COR	RESIDE	ATUAÇÃO / FORMAÇÃO
A	Feminino	48	Branca	Jiquiriçá/ Zona Urbana	Língua Portuguesa, Literatura, Redação e Sociologia/ Bacharel em Serviço Social, Licenciatura em Letras, Pós em Metodologia da Língua Portuguesa.
B	Feminino	45	Parda	Jiquiriçá/ Zona Urbana	Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Redação e Sociologia/ Licenciatura em Letras – Português/ Inglês.
C	Feminino	27	Negra	Mutuípe/ Zona Urbana	Geografia/Licenciatura Geografia, Pós em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Pós em Ensino de Geografia.
D	Masculino	34	Pardo	Amargosa/ Zona Urbana	Química/ Licenciatura em Química.
E	Feminino	26	Negra	Jiquiriçá/ Zona Urbana	Física/ Licenciatura em Física
F	Feminino	33	Negra	Mutuípe/ Zona Urbana	História, Sociologia e Filosofia/ Licenciatura em História, Pós em Ensino de História e Mestrado em História.
G	Feminino	50	Branca	Jiquiriçá/ Zona Urbana	Literatura, Redação, Sociologia e Física/ Licenciatura em Letras, Pós em Metodologia da Língua Portuguesa, Pós em Língua portuguesa.
H	Masculino	27	Negro	Laje/ Zona Rural	Geografia, Biologia e Química/ Licenciatura em Geografia.
I	Feminino	45	Parda	Jiquiriçá/ Zona Rural	Língua Inglesa/ Licenciatura de Língua Inglesa, Pós em Gestão Escolar.
J	Feminino	51	Parda	Jiquiriçá/ Zona Urbana	Literatura, Sociologia e Artes/ Licenciatura em Letras, Pós em Ensino de Língua Portuguesa.

Fonte 4: ELABORADO PELO AUTOR, 2019.

Os respondentes do questionário em sua maioria são do sexo feminino, configurando assim oito do sexo feminino e dois do sexo masculino. Vale salientar que foram auto declarações os dados obtidos. Os anos de nascimento variam de 1968 a 1993, sendo assim, um público com idades variadas entre 26 e 51 anos de idade. Quando perguntados em relação autodeclaração de cor, consideramos categorias estipuladas pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), os professores/as se declaram: Amarela/o (0); Branco/a (2); Indígena (0); Negro/a (4); Pardo/a (4); e Outros/as (0). Todos optaram por responderem segundo o questionário aplicado e não se obteve outras classificações de cor.

Uma pergunta fundamental e que se referia ao local de residência dos mesmos permitiu constatar que apenas dois residem na zona rural e oito professores/as residem na zona urbana. Sendo que, destes, apenas seis professores/as são residentes no município de Jiquiriçá e os demais são de cidades adjacentes, a exemplo de Mutuípe, Laje e Amargosa.

Aqui, se destacam os profissionais de ensino, ou seja, os professores/as em seu campo de atuação profissional, sendo assim, aparta sua formação acadêmica e vínculo institucional na rede de ensino do colégio pesquisado, além de traçar reflexões sobre seu campo de atuação profissional. Os professores/as que ministram aulas na EJAI, participantes como agentes colaboradores da pesquisa, têm licenciatura na área que atuam ou áreas afins, sendo que sete deles/as já tem pós-graduação e apenas três só possui a graduação, no entanto, lecionam em sua área de formação profissional e áreas correlatas.

Os professores/as participantes da pesquisa afirmaram que exercem a docência exclusivamente em Jiquiriçá - BA. Entre eles, três informaram que exercem a profissão tanto na rede municipal quanto na estadual. Além disso, nenhum/a exerce outra atividade remunerada a não ser a da docência.

Ao serem questionados se já ouviram falar sobre o que significa Educação do Campo apenas um/uma respondeu que “não” e os demais afirmaram que “sim”. Indagados sobre o local em que ouviram falar, responderam que na instituição Colégio Estadual José Malta Maia, na jornada pedagógica do município de Jiquiriçá, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, livros e sites.

Ao pedir para que os professores/as escrevessem sobre o que compreendem a respeito da Educação do Campo eles/elas sinalizaram que:

É a educação voltada para as populações do campo que durante o processo histórico tiveram seus direitos negados. É também a defesa política da manutenção das salas multisseriadas. (PROFESSOR/A, C, 2019, questionário).

Há uma ambiguidade em questão nessa fala, pois a Educação no/do Campo não se restringe e pode se fazer presente ou não em classes multisseriadas. Valorizamos a compreensão

e especificidade da interpretação, sobretudo por compreender a educação do campo como um direito. Apesar de sua negação, a resistência persiste.

Segundo alguns professores, são apresentadas como características e aspectos que dialogam com a Educação no/do Campo:

A educação voltada para o estudante proveniente de atividades desenvolvidas, essencialmente, nos espaços com características rurais (PROFESSOR/A, H, 2019, questionário).

Uma Educação voltada para o agricultor em que fortaleça sua identidade cultural, meio social em que está inserido e que se possível seja desenvolvida no campo (PROFESSOR/A, D, 2019, questionário).

Ao meu entendimento se trata uma educação aos moradores do campo com o intuito de contextualizar os conhecimentos escolares à realidade do campo (PROFESSOR/A, E, 2019, questionário).

É uma educação voltada para atender às necessidades de um público específico - interessados/ moradores/ agricultores em suas peculiaridades locais (PROFESSOR/A, B, 2019, questionário).

Prevalecem argumentos vinculados à condição de lugar, espaço social e território do campo, estes aspectos são importantes por problematizar a contextualização dos sujeitos. Assim, explanando um pouco mais esta contextualização da realidade dos educando, em seus contextos sociais locais, reconhecemos que:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 2015b, p. 62).

A argumentação se amplia. O curso de Educação do Campo configura-se em uma perspectiva de sujeitos de direito visto que: “É um curso superior que oferece uma educação que visa à valorizar a cultura do campo, a agricultura e os sujeitos.” (PROFESSOR/A, F, 2019, questionário). Em uma perspectiva de valorização das compreensões descritas, é importante refletirem sobre práticas e metodologias voltadas para valorização do campo e da Educação do Campo:

Em dias de estudo, como temas geradores de formação, aprofundar-se em reconhecer que a Educação do Campo protagonizada pelo movimento operário, pelos trabalhadores e suas organizações traz outro paradigma epistemológico-pedagógico, outra matriz de análise que redefine as formas de pensar, decidir e normatizar a educação dos trabalhadores, tão persistente em nossa história. Outro paradigma de análise que vem de outra consciência-afirmação-emancipação dos próprios trabalhadores. Deve-se entender como coletivos de trabalhadores e trabalhadoras em movimentos de emancipação libertam-se das formas subalternizadas e opressoras com que o paradigma epistemológico-pedagógico hegemônico os pensou, tratou e alocou nas relações de trabalho, nas políticas públicas, nas políticas de educação, na EJA, com destaque: analfabetos, iletrados, primitivos, incultos, irracionais, pobres em capital cultural, social, moral... Visão segregadora na qual se tenta legitimar todas as leis, políticas diretrizes, programas de educação e alfabetização de todos os trabalhadores, especificamente dos campos. (ARROYO, 2017, p. 86-87).

Ao ser requisitado dos professores/as as razões mais contundentes pelas quais eles/elas escolheram estar na EJA no Colégio Estadual José Malta Maia, cada um/uma escolheu apenas três, em ordem de hierarquia da primeira a terceira:

Quadro 3. Motivos de escolherem a docência na EJA

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
a) Aumento da cultura em geral	2	4	
b) Ocupação do tempo		1	1
c) Enriquecimento do CV (título)			
d) Afinidade com a temática	4	2	1
e) Vantagens financeiras de plano de carreira			1
f) Não escolhi trabalhar na EJA	3		1
g) Outras (especificar nas linhas abaixo)	1	2	2

Fonte 5: ELABORADO PELO AUTOR, 2019.

Ao serem indagados sobre as razões pelas quais ensinam na EJA, todos optaram por responder as questões elencadas no quadro: um deixou de responder a segunda razão que lhe foi proposta; e quatro deixaram de responder a terceira razão do seu motivo de atuação na EJA. Sendo relatado como outros interesses a: *Identificação Pessoal com o Público da Educação de Jovens e Adultos; Complementação da Carga Horária de trabalho; Busca de Experiência na Área*. Importante também destacar como primeira indicação de três docentes o fato de Não

escolhi trabalhar na EJAI. A afinidade política com a questão é crucial no fazer. Defendemos as práticas que superam a ideia de domesticação dos sujeitos. Todavia:

Rejeitar, em qualquer nível, a problematização dialógica é insistir num injustificável pessimismo em relação aos homens e à vida. É cair na prática depositante de um falso saber que, anestesiando o espírito crítico, serve à “domesticação” dos homens e instrumentaliza a invasão cultural. (FREIRE, 2015a, p. 71).

Diante disso, foi perguntado o quanto a EJAI contribuiu para a preparação e o aprendizado dos professores/as. A maioria (sete) respondeu que contribuiu *muito* e apenas três disseram que razoavelmente, isso em um quadro onde apresentava as opções: *Pouco; Razoavelmente; Muito; Não Sabe*. Com isso, evidencia que a formação se dá de forma contínua e os/as professores/as aprendem ao ensinar e ensinam aprendendo.

A importância da autorreflexão na prática docente traz, em sua essência, o conhecimento de si próprio e como está sendo sua conduta, para isso, foi elaborado um quadro para os sujeitos da pesquisa se auto avaliarem em seu desempenho, durante as aulas ministradas na EJAI. Cada professor/a teve a oportunidade de se auto avaliar, segundo o quadro que segue indexado:

Quadro 4. Auto avaliação da prática docente na EJAI

Item	Você diria que seu desempenho foi...				
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
a) Compreensão pessoal dos objetivos da EJAI	1	4	5		
b) Acompanhamento dos conteúdos trabalhados no cotidiano da EJAI	1	5	4		
c) Contextualização e adequação das atividades propostas	2	4	4		
d) Participação dos estudantes nas discussões		5	5		
e) Participação em cursos de formação continuada e especializações na área			3	3	4
f) Tempo de dedicação aos estudos		3	6		1
g) Relação interpessoal com estudantes no cotidiano das atividades	7	3			

Fonte 6: ELABORADO PELO AUTOR, 2019.

Importante destacar a indicação de *ótima relação interpessoal com estudantes no cotidiano das atividades*. Outra é o desafio das condições objetivas que colocam a possibilidade de *tempo de dedicação dos estudos como regular*. Assim:

[...] Quanto melhor faço esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também. (FREIRE, 2015b, p. 40).

Quando questionados se achavam necessário mencionar algo que considerasse de relevância e que o questionário não contemplou, os professores/as deixaram evidentemente nítido que é necessário uma *política de Estado* pautada em melhorias, pois se faz importante a elaboração de um material didático que contemple esta modalidade de ensino e seu público alvo, como ressalta a Professor/a, H: “É importante ressaltar também a inexistência de um material didático sistematizado pelo MEC para a clientela da EJA, o que demonstra o quão negligenciado é a prática nessa modalidade de educação.” (2019, questionário). Diante isso, o trabalho com a EJA precisa ser adaptado os materiais para este público estudantil.

Ainda sobre o trabalho com a EJA, foi destacado que:

O trabalho com a EJA é bastante gratificante, geralmente conhecemos um pouco da vida sofrida dos nossos alunos, trocamos experiências e aprendemos muito, mas enfrentamos algumas dificuldades, como: formação continuada; Livro didático; Material específico... (PROFESSOR/A, I, 2019, questionário).

Portanto, o corpo docente destaca aspectos que visam a um melhor aprimoramento para a atuação profissional, denunciando o trabalho como um público específico e que não dispõem de materiais adequados. Entretanto, outra menção destaca:

Formação para oportunizar a inserção da cultura letrada, aqueles que em tempo regular não tiveram acesso a mesma. Além disso, envolver esse público em atividades sistemáticas, culturas diversas que contribua para a autoformação e exercício pleno da cidadania. (PROFESSOR/A, G, 2019, questionário).

Diante do que foi mencionado no questionário, produzimos inferências que nos aproximaram dos agentes colaboradores da pesquisa. A partir daí foi possível desenvolver as entrevistas semiestruturadas, com um olhar mais amplo. No próximo capítulo, seguimos com o processo de análise das entrevistas, por meio do roteiro de questões semiestruturadas, onde os diálogos dos entrevistados se entrelaçam com referências teóricas e problematizam a Educação do Campo e a EJAI.

6. REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS: EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJAI

Retomamos o objetivo da investigação em analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI em uma escola no/do campo de Jiquiriçá - BA. Para contribuir com o instrumento de pesquisa e produção de dados, as entrevistas semiestruturadas problematizaram a atuação de professores/as nesta modalidade de ensino e que se disponibilizaram a participar da entrevista, contribuindo assim com o contexto social desta temática. Aqui, segue o que os entrevistados abordaram em suas falas visando a melhoria do ensino da EJAI.

Para garantir o sigilo, os agentes colaboradores na pesquisa das entrevistas semiestruturadas, os professores/as, serão apresentados/identificados com os seguintes nomes fictícios: *Antônio, Maria, Teresinha e Joana*. As entrevistas foram organizadas a partir de termos de livre consentimento, com consenso de entrevistados/as e autorização das gravações para uso acadêmico.

Para melhor compreensão, a entrevista foi subdividida em blocos, totalizando quatro. O primeiro corresponde a questões de *dados pessoais* para uma melhor compreensão do sujeito da pesquisa. Já no segundo, busca-se a *formação estudantil e acadêmica dos agentes colaboradores* da pesquisa, categorizando cada um individualmente. No bloco três contemplou-se *o campo de ensino da EJAI* e no último reportou-se a questões vinculadas a *Educação do Campo e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos* e suas relações.

Quadro 5. Caracterização dos sujeitos - entrevista (2019)

	SEXO	IDADE	RESIDE
ANTONIO	Masculino	27 anos	Laje/ Zona Rural
MARIA	Feminino	50 anos	Jiquiriçá/ Zona Urbana
TERESINHA	Feminino	35 anos	Ubaíra/ Zona Urbana
JOANA	Feminino	47 anos	Jiquiriçá/ Zona Urbana

Fonte 7: ELABORADO PELO AUTOR, 2019.

As entrevistas foram aplicadas com quatro professores/as, com idades que variam entre 27 e 50 anos, sendo um professor e três professoras, dois residem na cidade de Jiquiriçá - Ba, uma na cidade de Ubaíra - Ba e um residente na zona rural de Laje - Ba, informações obtidas no primeiro bloco. Nenhum dos colaboradores da pesquisa estudou na modalidade EJA. Todos os pesquisados disseram que estudaram na modalidade de ensino *dita* regular.

No segundo bloco, os professores/as colaboradores da pesquisa apresentam um pouco do contexto educacional em que estudaram, fazendo com que os mesmos se reportassem ao período quando eram estudantes na educação básica de ensino. Em seguida, refletem como está o sistema educacional hoje. Com isso, eles puderam se expressar e relatar um pouco sobre suas trajetórias de vida, além de proporcionar uma conversa agradável para irmos com foco ao objeto de estudo que é a relação entre Educação do Campo e EJA.

É sempre bom compreender sobre o passado, porém, não se pode confundir o aspecto do passado tradicional com o arcaico. Nem tudo o que vem do passado é tradicional, assim separar tradição e arcaísmos é fundamental. Tradição é o que deve ser preservado, progredido, levado adiante, como a atenção aos conteúdos e a competência docente, enquanto isso, o arcaico é o que precisa ser superado, descartado ou até mesmo, deixado de lado, como o autoritarismo e a meritocracia angustiante. Por outro lado, muito do que parece moderno e, às vezes se apresenta como simples modernismo ou mera novidade passageira, pode ter vindo do passado. (CORTELLA, 2014, p. 98).

Ainda no bloco dois, ao serem questionados sobre o que destacaria de mudança referente ao seu período de estudante e atualmente como docente, como percebem em consonância com o projeto educacional atual, os colaboradores responderam:

Toda mudança do mundo, porque a gente amadurece e a própria experiência como professora ajuda muito... a medida que o tempo vai passando a gente também vai tendo que se adequar as próprias mudanças no contexto social e isso vai exigindo de nós mudanças como profissionais, então desde a época que eu era estudante, até hoje, obviamente foi um salto assim, acho que um salto de qualidade um ganho positivo (JOANA, 2019, entrevista).

Pensando um pouco no passado que se configuram na realidade social das épocas remotas até os dias atuais nos advêm que existem dimensões da realidade humana que não se esgotam, contudo, existem aspectos da realidade humana que não podem ser compreendidos isoladamente, para isso, queremos começar a entendê-las, precisamos observar a conexão íntima que existe entre elas e aquilo que elas são e promovem através das reflexões pautadas

por pensamentos que antecedem a prática. (KONDER, 2008, p. 46). Visando assim uma configuração de realidade que busca ser compreendida de épocas antecedidas as atuais como nos é advertido.

Pensando um pouco mais sobre este nexo de informações obtidas, através das conexões íntimas que existem entre realidades diferentes criam *unidades contraditórias*, que podem ser questionadas e pesquisadas. Em tais unidades, a contradição é essencial, pois, não é um mero defeito do raciocínio. No sentido amplo, filosófico, que não se confunde com o sentido que a lógica confere ao termo, a *contradição* é reconhecida pela dialética como princípio básico do movimento pelo qual os seres existem. Para compreender isso é necessário instigar a dialética, pois ela não se contrapõe à lógica, mas vai além da lógica, desbravando um espaço que a lógica não consegue ocupar. (KONDER, 2008, p. 47).

Com uma reflexão mais aprofundada, a agente colaboradora da pesquisa destaca aspecto de relevância em materialidade para se trabalhar com um conhecimento amplo, sendo aspecto interessante em destaque:

Há, muito! Quando eu estudei a educação era praticamente, era só o professor, e o conteúdo era muito distante da gente, tudo era muito distante, a gente tinha muita dificuldade para conseguir entender a condição, o material que se tinha era muito pouco, então houve uma mudança assim muito grande (MARIA, 2019, entrevista).

Portanto, esta é uma categorização de processo de ensino e hoje se tem uma abrangência maior como podemos constatar na fala:

As informações! Hoje o acesso que temos as informações são muito maior há possibilidade de ter acesso a tudo, a livros a própria internet, ao conhecer o novo é muito maior do que no meu tempo, porque antes a gente ficava muito preso só ao livro porque era o único material didático que a gente tinha naquela época era muito difícil ter um computador ter acesso a internet e hoje o aluno ele tem tudo isso tudo na palma da mão ele tem acesso a internet ele tem acesso aos livros ele tem acesso a uma rede imensa de informações onde ele pode ter a qualquer hora e a qualquer momento. (TERESINHA, 2019, entrevista).

Pensando um pouco sobre estes modelos tecnológicos que impulsionam o desenvolvimento social devido ao rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e ao constante progresso dos meios de comunicação surge assim, um novo olhar docente perante os seus educandos e do conhecimento ofertado a eles. Entendendo ainda que cada conhecimento

passa ser alterado a partir de novos dados obtidos através de análise de pesquisas: “Há, portanto, uma sucessão constante do saber, de tal forma que todo novo saber, ao instalar-se, aponta para o que virá substituí-lo” (FREIRE, 2015a, p. 58). Através de pesquisas que potencializem o que já existe e criem meios que os desenvolvam. Outro fator ressaltado nas reflexões docente que segue elencada:

[...] meios de comunicação celular e internet está muito mais dentro do cotidiano do aluno do que naquele período. Naquele tempo agente aguentava exposição de quarenta minutos, cinquenta minutos, hoje no máximo vinte, sem contar, aí eu posso estar errado, mais eu atribuo também a essa interação com a rede social da fragilidade emocional dos estudantes, dificuldades em resolver problemas, de encarar problemas, amadurece mais lentamente, tem dificuldades em fazer outras coisas para além que é sugerido falar/fazer. Eu até arrisco dizer que dentro do que a psicologia fala de autonomia e heteronomia os alunos demoram mais de chegar na autonomia do que no meu período chegava, é mais complexo você trabalhar os conteúdos, neste sentido, porque apareceram outras demandas que naquele tempo existiam mais não com tanta veemência como tem hoje. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Uma das formas de abordagem que se configura em uma ação está na perspectiva de se trabalhar com conteúdo voltados a realidade dos educandos, concomitante a realidade vigente, visando provocar a *curiosidade* nos sujeitos que dela fazem parte, e isto é proporcionado pelo professor/a. Nesta perspectiva, o exercício da curiosidade proporcionada pelo professor/a convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser e proporciona uma melhor investigação, com hipóteses variadas em torno da possível origem da problemática até que chega a sua explicação. (FREIRE, 2015b).

O professor sempre busca estudar mais sobre o contexto em que está inserido, pois, assim reflete em uma realidade social e isso deve está inserido na vontade do profissional com a concretização. Satisfeito uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me a buscar continua em pé. Não haveria *existência humana* sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência (FREIRE, 2015b). E para isso é necessário que se venha a compreender e atribuir um sentido a atividade exercida socialmente, como afirma a professora:

[...] Eu sempre tive muita curiosidade pela realidade social e essencialmente da população mais excluída e depois que eu fiz o curso de letras que também foi um curso quer também ensinou bastante, realmente agente amadurece muito e vai começando a compreender um pouco mais destas mudanças que a própria realidade social exige. (JOANA, 2019, entrevista).

Além de estabelecer uma relevante reflexão docente o que também nos chama a atenção é que o professor se ache “repousado” no *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer (FREIRE, 2015b). A integração em classe de aula permite que os educandos venham a se desenvolver, porém é necessária a articulação de novas metodologias para estes estudantes de forma a melhorar a assimilação do conhecimento e quem proporciona isso é um excelente profissional de ensino, ou seja, o professor/a. Configurando assim a busca de melhor contextualização do estudo para o contexto social, visando, aspectos de uma aproximação lógica dos conteúdos ministrados pelo profissional docente.

Todas as respostas contêm uma semelhança, visto a disponibilidade tecnológica social como afirma *Maria* que: “Hoje as informações chegam muito mais rápido tudo é bem mais fácil os alunos tem bastante acesso a tudo na minha época não foi assim como estudante” (2019, entrevista). Vale salientar ainda que neste bloco foi promovida uma reflexão sobre os processos estudantis dos professores/as e como está sendo constituído, hoje, o ensino na modalidade EJAI.

6.1 OS PROFESSORES/AS E A EJAI

No terceiro bloco de perguntas, são descritas reflexões em prol da unidade de ensino concedente e este campo de atuação que é a Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI, na instituição, prevalecendo aspecto relevante a este contexto. Aqui, todos os integrantes participaram, sendo discorrido um pouco sobre *o campo de ensino* da EJAI, na concepção dos mesmos.

A escola é uma instituição que se faz presente em comunidades rurais, através dos vínculos estudantis propiciados direta ou indiretamente, mesmo que ela não se faça presente no meio rural. Nesse sentido, o modo como se comporta publicamente afeta, a consolidação do futuro que precisa ter no aspecto social. Assumindo uma credibilidade ética na garantia do futuro perante uma escola da qual se assume valores. No entanto, essa credibilidade não é tarefa somente do gestor ou da gestora. (CORTELLA, 2018, p. 55). A escola está, diretamente, ligada ao mundo de seus estudantes, que inclusive estão a trabalhar, e isso exige da instituição uma concepção do mundo do trabalho. *(SIC) no decorrer das reflexões, as falas foram descritas,*

textualmente, de acordo com a pronuncia de cada entrevistado aqui citado como agentes colaboradores da pesquisa.

[...] Nós sabemos perfeitamente que a proposta de Educação de Jovens e Adultos veio para supri uma necessidade do próprio governo do Estado de adequar a questão do déficit mesmo em relação à idade série, então a proposta sempre foi essa, no Malta Maia nós sempre tivemos um olhar muito cuidadoso para o aluno da EJA, essencialmente assim, eu sempre gostei muito, é uma modalidade de educação com a qual eu mim identifico muito exatamente por entender que é uma população excluída socialmente que veem trazendo ao longo do tempo de sua vida histórico de exclusão. Então apesar de entendermos que o aluno ele chega trazendo consigo uma série de dificuldades é, isso é fato, mais a gente tem que compreender a trajetória de vida deste aluno e respeitá-lo como tal, [...] desde que eu comecei a trabalhar com a EJA eu não abro mão de continuar trabalhando e espero poder encerrar minha carreira se o curso continuar existindo, espero continuar como professora da EJA, porque eu realmente gosto muito (JOANA, 2019, entrevista).

Em uma perspectiva de pensamento em que insira o ser humano através de sua essência em que nasce com potencial de liderança, pois esta não é um dom e sim uma virtude de todos/as, isto é, uma capacidade a ser desenvolvida ou não pelo ser humano. Algumas pessoas aproveitam as condições e fazem com que essa capacidade se realize, porém, outras não fazem, por, medo, comodidade ou ausência de ocasião e chance, que está diretamente configurada ao ambiente escolar. (CORTELLA, 2018, p. 56).

Portando-se a este entendimento metodológico que pode ser aprimorado através de concepções criando e inovando “A experiência se poderia refinar e aprofundar a tal ponto, por exemplo, que se realizasse um seminário quinzenal para o debate das várias curiosidades, bem como dos desdobramentos das mesmas.” (FREIRE, 2015b, p. 84). Como isso, os docentes conseguem aplicar, de fato, os conteúdos propostos e com uma melhor concepção e compreensão sobre a aplicabilidade deste ensino. O estado fornece o sistema de ensino EJAI, porém não dá todo o suporte necessário aos/às professores/as para atuarem mais eficazmente, como ressalta o professor:

Eu acho que a gente consegue se aproximar, já trabalhei em outras três escolas que tinham EJA. Acho que a daqui é a que mais consegue se aproximar da proposta da EJA pela ideia de eixo temático fugindo do conteúdismo, entendo que é uma proposta diferente do ensino regular que o aluno que frequenta é diferente e que os objetivos também são diferentes. Acho que aqui a gente consegue trabalhar por eixos, tem um projeto interdisciplinar... consegue se inteirar mais do que aquelas questões engessadas que vejo nas outras instituições, com provas maçantes com conteúdos maçantes que para o aluno

infelizmente vai ter pouco funcionalidade na vida dele aquilo. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Compreendendo um pouco mais sobre esta forma de ensino, destaca-se a interdisciplinaridade, que gera uma interação entre os profissionais de educação, como destaca Fiod: “No campo educacional, ela é considerada um procedimento que envolve a integração de educadores por meio da integração de disciplinas num determinado currículo, de maneira a superar a fragmentação do saber passado na escola.” (2012, p. 163). Assim, prevalece aspectos de construção do conhecimento articulado como melhor aprendizagem dos conteúdos propostos.

Outro fator adjuvante que se estabelece em reflexões de como o profissional docente exerce suas atividades elaborais é o pressuposto de inquietudes para o avanço social destes sujeitos de direito. Como nos ressalta Cortella, quando diz, “Ora, não são poucos os que, agora mais idosos e atuando na docência ou gestão das escolas, sonharam intensamente naquele período, mas acabaram perdendo a imaginação e tornando-se reféns do possível” (2018, p. 18).

Este sonho é possível para aqueles profissionais que tem consigo uma inquietude em relação aos educandos, para os quais estão exercendo suas atividades. Com isso, acabam tendo uma ligação com os mesmos, em suas trajetórias escolares e de vida, com nos é ressaltado a seguir.

A modalidade da EJA eu gosto. É uma modalidade que vim para o Colégio Malta Maia para trabalhar e sempre gostei muito, porque trabalha com jovens e adultos e são pessoas que trazem suas experiências e estas experiências para gente terminam tendo uma ligação. Termina tendo uma ligação maior com eles por conta das experiências que eles trazem de vida então, todos os alunos eles já vem com uma trajetória para escola, eles já tem um conhecimento de mundo e ali vem buscar o conhecimento específico, o conhecimento científico... esse conhecimento que eles querem. (MARIA, 2019, entrevista).

Um desafio da EJA é compreender as variadas experiências e desejos que circulam entre seu público. Os educandos buscam o conhecimento científico, e seus desejos variam desde a aquisição da leitura para o cotidiano até aspirações de formação mais ampliadas. Em termos de experiências, o passado nunca é inteiramente ‘neutro’. Cada pessoa tem o ‘seu’ passado, um passado próprio, que é um pedaço dela, uma parte essencial do seu *eu*. Quando um indivíduo recorda o seu passado, ele está avaliando a sua formação, revivendo as escolhas que fez ao longo da vida e, de certo modo, está se julgando. (KONDER, 2009, p. 67-68).

Os docentes continuam a argumentação e mencionam, de forma objetiva, avanços e desafios.

Eu comecei a trabalhar há algum tempo com as turmas da EJA aqui na escola... e o que a gente percebe que é uma evolução muito grande, comparado anos anteriores. Era uma coisa muito superficial e hoje o trabalho aqui que a gente tem com a EJA... tenta trabalhar o máximo a realidade do aluno, vai trabalhar com temas que envolvam eles na sociedade, que tenha haver com a vida social do aluno tentando envolver este aluno nessa sociedade, fazendo com que ele se sinta parte desta sociedade e tenha uma visão de mundo, não só da escola mais do mundo como um todo.[...] então assim... este trabalho da EJA hoje em dia melhorou muito, porque antes era como se fosse só para alfabetizar e hoje não, hoje agente busca trabalhar com eles temas diversos dentro da escola tanto fora quanto dentro da escola e sempre esta fazendo essa associação entre escola e sociedade, escola e família, escola e realidade.[...] o ensino da EJA hoje ele evoluiu muito e tem muito o que crescer ainda, porque a gente precisa ainda de mais recursos para se trabalhar na EJA como por exemplo agora a gente não tem o livro específico para EJA que é o que poderia nos ajudar muito até para o aluno, ter uma material porque as vezes tudo é a base da xérox e que a escola as vezes não tem como disponibilizar tanta xérox. Ai diz assim, ‘porque não colocar no local para eles tirarem a xérox igual ao pessoal do diurno’? Porque quando eles chegam à cidade seis e meia os locais que tiram já estão fechados e eles continuam sem poder ter acesso igual o pessoal do diurno. Então assim, se tivesse mais materiais para trabalhar com a EJA ia facilitar muito o trabalho do professor, ia ajudar muito nessa parte (TERESINHA, 2019, entrevista).

O aproveitamento do que há de bom no passado, em uma perspectiva de emancipação, está relacionado ao nosso discernimento na busca intrínseca da nossa ação. Não podemos nos colocar diante do passado como observadores passivos, pois não há passividade em um sujeito que pensa o contexto social, para isso, o simples fato de assumirmos essa postura significa que o passado não nos domina e não nos impõe uma capacidade de superá-lo. (KONDER, 2009, p. 73).

Ao questionar os agentes colaboradores da pesquisa *se já leu ou tem conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP)* da instituição escolar, dois entrevistados foram diretos em responderem que *não*, porém em suas falas, ao decorrer da entrevista, ficou visível que eles trabalham com propostas de ensino prevista no PPP da escola, além de trabalharem projetos interdisciplinares, previsto no documento. Os demais entrevistados disseram ter conhecimento do documento:

[...] Trabalhar na EJA a gente tem toda uma proposta da educação do Estado da Bahia. Está proposta foi lida, a gente trabalha sempre com ela, faz a leitura

dela justamente para estar trabalhando com eles sobre esta modalidade. Não sei se realmente é este PPP se é o Projeto pedagógico mais é as diretrizes que o governo do Estado tem para que a gente trabalhe com a EJA. (MARIA, 2019, entrevista).

A perspectiva da ação-reflexão configura-se na identidade deste processo dialógico, não sendo ação como mero ativismo, esvaziado de reflexão crítica, ou sendo apenas reflexão abstrata, diletante, vazia de significados. Ela é um dos elementos constituidores da transformação da realidade, previsto na práxis de ensino, também é uma troca permanente entre sujeitos que buscam esta libertação com formação humana e luta política revolucionária, com isso, uma formação que luta em possuir um caráter pedagógico (SOUZA, 2015).

Com uma resposta mais elaborada, a professora nos chama atenção para as práticas pedagógicas que devem se ater aos documentos necessários, com destaque para a profissionalização dos mesmos.

Sim nós seguimos um projeto o governo do Estado. Tem um projeto baseado em eixos temáticos e temas geradores, nós não seguimos ariscas porque entendemos que a gente precisar adequar a proposta de trabalho a nossa realidade. Nós sempre partimos da proposta de trabalho do Governo do Estado e adequamos dentro da nossa escola, então sim, eu tenho conhecimento e participo sempre que há alguma coisa a implementar. (JOANA, 2019, entrevista).

Como isso, é notório que haja um processo de ensino antecedido de pesquisa, pois

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2015b, p. 30-31).

Configurando assim todo o processo de pesquisa anterior à prática endossada.

Em relação a destaques no conteúdo do PPP, os docentes relatam a importância de trabalhar em eixos:

[...] tem que se preparar porque você não pode trabalhar em uma modalidade da educação sem conhecer qual é a proposta de trabalho, e segundo porque ele traz o conteúdo interessante que é essa proposta dividida em eixos temáticos e temas geradores isso ajuda muito. (JOANA, 2019, entrevista).

Querendo saber um pouco mais aprofundado no convívio com este campo de atuação da EJAI foi questionado se o/a professor/a tem algum familiar com vivência de ensino ou estudo da EJAI. Uma fala que nos chamou a atenção foi a do professor que fez referência a sua própria mãe:

Minha mãe, hoje mais não, mais ela já fez a EJA um ano... fez dois anos a EJA VI e EJA VII. [...] Ela fala que é bem diferente do tempo que estudava no diurno. Na opinião dela a EJA deveria trabalhar mais conteúdos, inclusive falava textualmente que ninguém aprende nada mais...talvez uma falta de compreensão dela do que é a EJA, porque o aluno quando ele vai para EJA tem que entender o projeto da EJA, que de fato tem um ensino por eixo temático do que aquele conteudismo maçante dito regular, senão ele não faz a EJA (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

O sistema de ensino da EJAI, que não trabalha na perspectiva de conteudismo e sim em uma proposta de articulação com a realidade local. A pessoa que busca o ensino da EJAI precisa saber que esta modalidade trabalha articulada com o contexto social local e com uma desenvoltura para aquele público alvo. Neste sentido, percebe-se que a educação tem sido configurada no âmbito do ensino como nos é advertido na perspectiva de ações: “Desta maneira, as relações do homem, ou dos homens, com o mundo, sua ação, sua percepção, se dão também em níveis diferentes.” (FREIRE, 2015a, p. 46).

Aproveitando este ensejo que configura o processo educacional a pessoas de direito, Cortella nos adverte que: “A educação é um valor intrínseco na sociedade e no mundo do trabalho, é um valor inclusive de empregabilidade.” (CORTELLA, 2015b, p. 39). Pois quanto mais se qualifica através dos estudos mais a pessoa pode ter uma desenvoltura melhor na sociedade e no mundo do trabalho.

Sobre a EJAI no âmbito da formação dos estudantes, os professores/as responderam da seguinte forma:

[...] Levando em conta a realidade com a qual a gente trabalhar ainda precisa se aperfeiçoar mais para você realmente oferecer ao aluno um trabalho maior para que ele possa sair dali apto para continuar realizando suas atividades cotidianas, porque é um aluno que já trabalha então ele precisa...ele já está trabalhando durante o curso e precisa sair dali trabalhando, continuar exercendo suas atividades. Mais também para que eles possam, se for o caso, ingressar em uma universidade, então ele possa fazer suas escolhas e se sentir apto... eu acho que a gente apesar de todo esforço mais ainda precisamos melhorar neste sentido. (JOANA, 2019, entrevista).

Olha, a Educação de Jovens e Adultos é uma educação bonita, boa, que realmente a gente está ali para trabalhar com aquele aluno que tem algum tempo. Ele estava na escola e retorna agora. É um aluno que tem bastante dificuldade então é muito trabalho... um trabalho de você tentar entender ali aquele contexto que ele veio. As vezes tem aquele aluno que deixou de estudar há algum tempo, chegam assim as vezes, sem muita condição, então o professor tem um trabalho muito grande para dar conta daquele aluno. (MARIA, 2019, entrevista).

Assim, em diálogo com as percepções e os itinerários em jogo, em consonância com Arroyo (2017), um caminho para entender os significados radicais desses por uma vida justa será vincular o direito a educação às lutas por direitos humanos, como lutas por justiça e por dignidade humana. Pelo reconhecimento como humanos que lhe foi negado em nossa história social e até educacional. O direito a dignidade humana pressupõe luta por serem *reconhecidos humanos já*. Sem condicionantes. Nem sequer é necessária a condição de fazer um percurso escolar pra reconhecê-los humanos. Uma relação política, ética, humana radical das lutas populares por educação atreladas a sua luta por direitos humanos por seres conhecidos humanos, por justiça e dignidade humana. Essa é uma dimensão das lutas populares por educação que merece ser mais trabalhada em dias de estudo.

É preciso salienta sobre o real significado que reconhecemos nos adolescentes, jovens, adultos, (e idosos) em itinerários pelo direito a uma vida justa. Na busca pelos direitos a dignidade humana. Significados políticos que vem para ressignificar o direito a educação dos Jovens, Adultos trabalhadores por escolas, lutas das mães, sobretudo por uma vida mais justa, ou menos injustas para os seus filhos e suas filhas. (ARROYO, 2017, p. 94).

Esta postura, elucidada anteriormente, afirma as razões pelas quais formalizam o ensino da EJAI. Pois a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, segundo os sujeitos:

[...] É como uma alternativa a educação regular. Eu já consegui, na minha vivência, entender que a EJA foge disso. Então é uma alternativa... o aluno em casos de escolas que oferecem os dois tipos de ensino, ele tem a opção de escolher se ele escolhe a EJA, ele sabe que está indo para uma função alternativa, não alternativa para não estudar, mais uma alternativa para ver uma abordagem de conteúdo diferente (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

[...] Básica! Porque básica, porque assim, a gente atende um público onde são pessoas mais idosas são pessoas que já tem vários anos que não estavam em contato com a sala de aula... eles acabam vindo como fosse assim, estou indo apenas para terminar o ensino médio para ter um certificado. Então assim, as vezes pela própria limitação também do aluno a gente acaba se limitando no que trabalhar com estes alunos... alunos que querem um pouco mais, buscam

um pouco mais, saem participam do ENEM, participam de outros cursos, conseguem entrarem na faculdade, tem uma outra visão. Mais de cem por cento, oitenta por cento dos nossos alunos da EJA, o que eles querem não é nem universidade nem querem fazer ENEM, o propósito deles é apenas terminar o ensino médio ter um certificado de conclusão do ensino médio por isso eu acho que acaba sendo muito básico. Mais graças a Deus ainda temos uma outra porcentagem, que eles querem terminar, prestar um concurso, porque eles querem entrar na universidade, porque eles não puderam estudar no período que era para esta na escola, por conta do trabalho, da família ou qualquer outra situação que os afastou da escola. Então a gente acaba não cobrando da forma tão severa, não digo severa, da forma tão mais profunda que agente cobra no ensino médio no regular igual (TERESINHA, 2019, entrevista).

Os anseios e os desejos são divergentes. Assim, não propõe como educá-los, mas como se educam, nem como ensinar-lhes, mas como aprendem, nem como socializá-los, mas como se socializam, como se afirmam e se formam como sujeitos sociais, culturais, cognitivos, éticos, políticos que são. Estando atendo as suas presenças e a seus movimentos sociais e culturais, a suas práticas de liberdade e de recuperação da humildade roubada (ARROYO, 2014).

Querendo se aprofundar um pouco mais sobre a forma trabalhada na instituição pesquisada, foi questionado sobre a existência de um material específico para o trato com a EJAI. Assim:

Não, não existe um material específico. Vou inverter ai a ordem da resposta: não existe um material didático, por exemplo, para que a gente possa se apoiar, não para que a gente possa ter como muleta, não é este o objetivo, mais para que nós pudéssemos nos apoiar. Já veio um material didático há alguns anos passado, talvez uns seis anos, não sei, um material totalmente inadequado a realidade da EJA muito além, os textos muitos complexos as atividades extremamente complexas. Nem consigo imaginar como aquele material foi pensado realmente, quem preparou aquele material demonstra não conhecer o aluno da EJA. A questão dos conteúdos nós vamos adequando de acordo com a realidade, eu já posso até falar um pouco dos projetos porque o que nós fazemos lá na escola...nós trabalhamos com projetos temáticos, nos reunimos sempre a cada período para discutir o que seria necessário tratar naquele ano ou naquele período, às vezes trimestralmente, as vezes semestralmente, a depender da situação. Então a gente elege um tema normalmente, escolhe um livro paradidático que aquele livro é a base, e a partir dali cada disciplina vai elencando os conteúdos com podem trabalhar a partir dali, isso também baseado na proposta de trabalho que o governo do Estado propõe, então é desta forma que a gente trabalha. (JOANA, 2019, entrevista).

[...] nós trabalhamos buscando conteúdos que se aproxime da realidade daqueles alunos agora temos muita dificuldade quanto a esse material porque não existe um material específico, então no Colégio Malta Maia mesmo nós recebemos os livros do ensino regular mais não recebe os livro para os alunos

da EJA, e a gente precisa esta buscando esse material precisa adaptar este material para que seja trabalhado com eles. (MARIA, 2019, entrevista).

Além de pensar o planejamento coletivo, adaptação de material específico para tratar com a EJAI, um novo olhar perante este contexto é essencial, devido ao contexto social em que os estudantes vivem e que dificulta, inclusive, a aquisição de material.

Dessa forma:

A tendência das políticas de educação pública e de EJA será entender essas tensões. Incorporar nos saberes escolares questões tão incômodas que não cabem nos recortes disciplinados dos currículos. Caberão ao menos nos recortes das disciplinas do tempo e do espaço? Caberão nos currículos de formação de profissionais que terão de educar vítimas da segregação escolar-social-racial-espacial? Essas interrogações vêm ocupado espaços nos tempos de sua formação continuada e no preparar de suas aulas, anunciando outra ética docente. As escola pública e a EJA podem ser experiências educadoras radicais diante da radicalidade formadora que levam os educandos. Podem ser um laboratório para retomar a função educadora, formadora da própria pedagógica. Função pedida no reducionismo da escolarização a processos de aprendizagens avaliáveis. (ARROYO, 2017, p. 36).

O que nos é advertido nesta perspectiva de trabalho é o fato do/a professores/as articular, em ações que disponibilizem para o público alvo, interações que formalizem os conteúdos na vida social dos estudantes. Como uma forma de promover reflexão mais aprofundada sobre a EJAI, foi instigado sobre as formas e possibilidades de aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem no âmbito da formação e como respostas foi verificado que:

[...] com certeza, se a gente tivesse este material em mãos tivesse um material específico facilitaria, com certeza aperfeiçoaria, melhoraria o trabalho da gente e se a gente também tivesse condição alguns cursos para a gente tivesse como ai seria essa aperfeiçoar melhorar essa educação (MARIA, 2019, entrevista).

[...] se tivéssemos mais investimentos nesta parte da EJA, nesse processo de ensino, tivéssemos mais formações, isso seria de suma importância, tanto para formação do professor para que ele tivesse outras ferramentas para poder trabalhar com a turma da EJA porque muitas das vezes o que falta é formação. São ferramentas para o professor desenvolver o bom trabalho na EJA e assim acaba não tendo formação não tem curso ou porque o Estado não manda, não tem dinheiro para isso, não tem dinheiro para aquilo e as vezes acaba só mesmo no básico (TERESINHA, 2019, entrevista).

Levando em consideração as falas, em diálogo com Arroyo (2017): Qual é o projeto educativo diante dessa realidade que o Estado propõe? A que conhecimentos é ofertado pelo Estado aos estudantes para entender as relações sociais, de onde vêm e para onde voltam? Questões a serem aprofundadas nas diversas áreas do conhecimento: entender com profundidade as relações sociais de que chega e para onde voltam. Precisamos de uma educação de conhecimentos sistematizados em currículos de contexto concretos, com essa história. Ainda em jogo:

Com certeza, eu acho que precisa que o Estado invista em formação continuada para os professores da EJA para que a gente entenda melhor o processo e tenha materiais se não tiver que a gente aprenda a criar estes materiais que de fato debatam dialoguem bem com o modelo de ensino da EJA. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Neste aspecto eminente, da relação prática entre as políticas públicas e os objetivos ressaltado pelo professor, recorremos as reflexões de Freire que nos diz: “Como educador preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte” (2015b, p. 78-79). Sobressaindo assim aspectos metodológicos, a partir de inferências do público alvo. Para compreender sobre a opinião dos professores/as agentes colaboradores da pesquisa sobre um fator mais importante, com uma relevância em destaque:

[...] a relação com o aluno, o fato deste aluno vir de uma realidade social. Eu costumo dizer aos alunos da EJA que eles são especiais. Eles são especiais porque não têm uma trajetória de vida comum, não se dedicam apenas aos estudos...então além de estudar, muitos são pais de família muitos são trabalhadores rurais, são trabalhadores do próprio município em outros setores. [...] eu costumo dizer que eles são alunos especiais, então esta relação com o aluno se estabelecer em uma relação positiva com eles é determinante para que o trabalho seja proveitoso. (JOANA, 2019, entrevista).

O público estudantil da EJAI é constituído de pessoas comuns, que não precisaram operacionalizar métodos e técnicas científicas para a construção de seu conhecimento, entretanto, tem conhecimento do mundo material exterior em que se encontra inserido e de um certo número de pessoas, seus semelhantes, com as quais convive.

Prevalecendo assim uma concepção de entrelaço sobre o olhar do professor “Isso exige uma reflexão crítica permanente sobre a prática através do qual vou fazendo a avaliação do meu

próprio fazer com os educandos” (FREIRE, 2015b). Contudo, estas práticas desenvolvem relação positiva para os saberes acumulados, perante este campo social.

O primeiro ponto... a socialização destas pessoas, a integração destas pessoas dentro da comunidade escolar, dentro da sociedade como um todo. A partir do momento que eles voltam para sala de aula estão interagindo com outras pessoas, tendo novos conhecimentos e a partir disso acabam tendo uma nova visão sobre a sociedade. [...] a gente está lidando com um público que se afastou muito tempo da escola mais que volta para esta escola, e que acaba criando uma nova consciência do papel social dentro da escola e fora dela. Então assim é de suma importância quando este público volta para escola porque a gente sabe que a educação, ela forma pessoas. [...] a visão de mundo delas melhoram a compreensão de mundo delas melhoram e tem uma participação muito maior na sociedade como seres ativos (TERESINHA, 2019, entrevista).

As teorias e práticas educativas operam com formas de conhecer, mas pressupõem formas de pensar o conhecimento e de pensar os sujeitos sociais. Sobretudo, de pensar e tratar os Outros nos padrões de poder, nas relações de trabalho, de produção, de aplicação/expropriação da terra, da renda, dos direitos. O padrão de saber, de pensar os outros e de pensar-se o Nós está atrelado ao padrão de poder, de dominação/subordinação dos outros povos, raças, classes na especificidade da nossa história a partir da empreitada catequética até a empreitada da educação pública popular. (ARROYO, 2014, p. 38).

Os adolescentes, jovens, adultos e idosos, que vêm do trabalho para a escola não carregam apenas os valores, saberes, identidades de suas vivências pessoais de lutas por trabalho eles, são herdeiros da consciência, das identidades da classe trabalhadora, das famílias trabalhadoras. A um traço marcante na identidade coletiva dos jovens adultos e idosos que é lutarem pela educação além de terem que trabalhar para se auto sustentar (ARROYO, 2017).

Ainda sobre a forma:

Eu acho a forma como agente compreendeu o ensino da EJA, por exemplo, aqui não tem prova, o aluno sabe que não tem prova, que não tem nota, o conhecimento vai ser processual e eu acho que o ponto principal aqui. É o que o nosso coordenador usa que são os projetos interdisciplinares. Esses projetos aí norteiam, sedimentam ligam os conteúdos de aulas. É a produção prática de toda produção interdisciplinar. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

A proposta interdisciplinar tem por objetivo desenvolver um conteúdo dialógico, por meio de novas práticas educativas que permitam aos estudantes serem autores da sua própria aprendizagem, com isso, a interdisciplinaridade combate a imposição de um método unitário

desconexo e reproduzido por um conhecimento compartimentado. O conhecimento interdisciplinar, ao contrário liberta o aluno das amarras deste domínio, porque lhe propicia construir seus próprios saberes. A proposta interdisciplinar é apresentada como um princípio novo de reorganização epistemológica das disciplinas científicas e, por conseguinte, reformulação total das estruturas educacionais. (FIOD, 2012, p. 157).

Outro fator de suma importância que remete à procura do melhoramento do ensino e aprendizado é o desafio deste campo de atuação docente na escola pesquisada, como aponta os agentes colaboradores da pesquisa:

É primeira esta a dificuldade mesmo. O aluno às vezes chega com dificuldades de base, então tem alunos com muita dificuldade de leitura, de escrita. Tem que lidar com esta dificuldade e fazer com que este aluno passe a fazer parte, passe a si inserir na atividades sem se sentir excluído. Então a gente tem este cuidado, para mim um grande desafio é este. As vezes o próprio cansaço do aluno, tem momentos que ele evade, não evade definitivamente mais leva um período sem vir para a escola, principalmente no período de chuva por conta das estradas, então nós temos algumas questões que realmente atrapalha. (JOANA, 2019, entrevista).

É a questão política... o problema com o transporte escolar, muitos alunos que faltam aqui por que o carro não vem, principalmente quando esta chovendo ou então quando ele saem de casa tem dois ou três alunos eles simplesmente não veem. Com poucos alunos então esse ai é para mim o principal problema... e este é passível de resolução. Outro problema que ai afasta o aluno é a questão da violência que engloba o nosso país e infelizmente isso não esta a nosso alcance de resolver, mais também é um problema que acarreta ao abandono dos nossos alunos (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

A frequência, o interesse, as dificuldades do trabalho porque muitos alunos trabalham e quando saem do trabalho é muito tarde e para chegar e vim até a escola isso é um motivo que as vezes desestimula muito eles a continuarem os estudos. A evasão que é terrível... O problema é a falta de trabalho que gera desemprego e que gera a evasão dentro da escola porque muitos alunos que eu já tenho perguntado: o porquê que desistiu? O porquê está chegando atrasados? O porquê não está vindo? Tudo é o principal motivo é sempre o trabalho... para poder complementar a renda e este é um fato que infelizmente a gente não consegue ter um controle, e é a razão infelizmente parece que estamos tentando combater-la... é uma das principais causas da desistência na escola é a evasão como um todo e acaba acarretando o prejuízo para a EJA é a desistência. (TERESINHA, 2019, entrevista).

Dificuldades de aprendizagem, questões objetivas e materiais, questões políticas, a dimensão do trabalho e evasão são eminentes nas falas. Debates que são retomados durante as entrevistas. Em sequência, será apresentado o quarto bloco de perguntas, em que os

profissionais da educação falaram um pouco sobre o curso da Educação de Jovens, Adultos e Idosos com aspectos da Educação do Campo e o que compreendem a respeito desta temática.

6.2 DESTAQUES DA RELAÇÃO ENTRE EJAI E EDUCAÇÃO DO CAMPO

No quarto bloco de perguntas, será descrito um pouco sobre o curso da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, correlacionado com a Educação do Campo na instituição pesquisada. Inicialmente, foram questionados/as se já ouviram falar a respeito do movimento por uma Educação do Campo. Uma entrevistada foi direta na resposta ao afirmar a questão negativamente. Os demais entrevistados contribuíram de forma que as respostas foram as seguintes:

Eu nunca mim debrucei a fazer um estudo mais apurado. O que eu sei exatamente a respeito do curso aqui na UFRB já li algumas coisas, mas, nada muito detalhado, basicamente o que sei são informações mais superficiais mesmo, nunca detalhei. (JOANA, 2019, entrevista).

Muito Pouco, a Educação do Campo eu acho...que é uma modalidade mais ou menos como a EJA, voltada para as pessoas que estão no campo mais conheço muito pouco. (MARIA, 2019, entrevista).

Com certeza, já fiz algumas leituras. Eu não consigo citar nenhum autor aqui mais eu já li o Dicionário da Educação do Campo, tem também as Diretrizes Curriculares para Educação do Campo, me apropriei deste material e ai eu acho que é uma proposta que talvez...tal como a EJA, é mal compreendida porque a Educação do Campo é feita para o campo. Não sei se é uma modalidade é uma forma de ensino diferente que respeita a dinâmica do campo e ai muitos professores não conseguem, por falta de formação continuada compreender este tipo de educação. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Os desafios de formação e conhecimento insuficiente sobre educação do campo são explícitos. Em contraponto, na instituição pesquisada, existem debates que articula as vivências dos estudantes com os assuntos empregados pelos professores/as, construídos em encontros periódicos coletivos com coordenadores/as. Ao tratar sobre conteúdos e educação do campo:

[...] nosso público é predominantemente rural e muito são trabalhadores rurais. Sempre procuramos adequar o nosso trabalho ao que ele precisa então estas questões sempre estão sendo trazidos nos nossos conteúdos. A gente elege como algo a trabalhar nesse sentido sempre que temos a oportunidade de apresentar uma novidade para eles... é sempre com relação a realidade deles,

e como muitos são do campo obviamente isso esta sempre sendo abordado. (JOANA, 2019, entrevista).

Na minha prática, tenho uma turma só de EJA, tem vinte e cinco alunos e vinte são do campo... como eu também sou do campo. Principalmente quando vai trabalhar com agricultura os assuntos que tem a gente procura faz abordagem com agricultura. Um exemplo, este ano a gente fez a declaração de imposto territorial rural - ITR, todos os alunos trouxeram o documento de terra deles, explicou que declaração é esta porque tinha que fazer e fez aqui dentro do colégio e de alguns alunos que faltavam a gente fez o cadastro ambiental rural explicou do que se tratava e fez com eles aqui (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Nesse aspecto, a professora *Maria* apresenta dados estruturantes de vida destes alunos egressos nesta modalidade de ensino, que vem de uma vida árdua do campo como afirma a mesma: “Sim, nós temos muitos alunos que vem da zona rural e estes alunos a gente leva em conta a realidade deles, tudo que eles trazem da realidade então a gente está trabalhando com eles justamente dentro da realidade deles” (2019, entrevista).

Nessa perspectiva, ressaltamos que em sua atuação em sala de aula, a professora mencionada conseguiu articular os assuntos previstos em planejamento prévio com a realidade dos estudantes como a declaração de imposto territorial rural. Podemos observar nesta prática que há uma contextualização direta com a Educação do Campo e com a vida dos estudantes que se fazem presente em sala de aula.

Por isso, aqueles ou aquelas entre nós que imaginarem que nada mais precisam aprender ou, pior ainda, não têm mais idade para aprender, estão-se enclausurado dentro de um limite que desumaniza e, ao mesmo tempo, torna frágil a principal habilidade humana: a audácia de escapar daquilo que parece não ter saída. Afinal, do nascimento ao final da existência individual, aprendemos (e ensinamos) sem parar; o que caracteriza um ser humano é a capacidade de inventar, criar, inovar, e isso é resultado do fato de não nascemos já prontos e acabados. (CORTELLA, 2018, p. 82-83).

Questionados sobre o como a Educação de Jovens, Adultos e Idosos deve contemplar a Educação do Campo, os agentes colaboradores da pesquisa nos mostram que:

Sim, com certeza, isso sempre foi fato para nós, nós nunca sistematizamos uma proposta de trabalho neste sentido, mais isso sempre fez parte das nossas discussões. Exatamente porque nós temos um público que vem da zona rural e como nós sempre nos preocupamos em trabalhar levando em conta a realidade do nosso aluno é claro que uma discussão desta é sempre pertinente (JOANA, 2019, entrevista).

A educação escolar só acontece de fato quando é articulada as possibilidades da formação e da humanização dos educandos e educadores. São essas as disputas radicais que se dão no campo da docência e que afetam o ensinar e o aprender, especificadamente na EJAI. Para ser docente é necessário interessa-se por saberes da prática social e relacionar os saberes sociais com seu saberes cotidiano? Devem ser pergunta: conhecimento que não me ajuda a saber-me, para que me serve?” (ARROYO, 2017).

O indivíduo isolado, normalmente, não pode fazer história: suas forças são muito limitadas. Por isso, o problema da organização capaz de levá-lo a multiplicar suas energias e ganhar eficácia é um problema crucial para todo revolucionário. É preciso que a organização não se torne opaca para o indivíduo, que ele não se sinta perdido dentro dela; é preciso que ela não o reduza ao uma situação de impotência contemplativa ou a um *ativismo cego*. Se não, o indivíduo fica impossibilitado de atuar revolucionariamente e se sente *alienado* na atividade coletiva. A organização deixa de ser o lugar onde suas forças se multiplicam e passa a ser um lugar onde elas são neutralizadas ou instrumentalizadas por *outras* forças, orientadas em função de *outros* objetivos (KONDER, 2008).

A vida social de uma professora aponta que é necessário ter uma habilidade de pensar e uma formação que torna a proposta de ensino viável a vida social do estudante, como está descrita na fala da entrevistada: “Assim como eu lhe falei nós não temos uma proposta sistematizada de Educação do Campo, eu não mim sinto assim pronta a responder essa pergunta exatamente por isso, por não ter uma proposta mais sistematizada de Educação do Campo [...]” (JOANA, 2019, entrevista).

A educação continuada pressupõe a capacidade de dar vitalidade, com ações e competências para as pessoas. E isso entre outras coisas traz uma multiplicidade de elementos desde treinamentos até cursos de formação e especializações e também a formação da sensibilidade que é central atualmente no mundo. (CORTELLA, 2015b).

Diante a isto, como nos adverte Arroyo:

O ponto de partida será reconhecer que avança a consciência profissional de que o direito à cultura e à diversidade cultural é inerente ao direito à educação, à formação humana. Nos cursos de formação deve-se dar a centralidade para os docentes reconhecerem-se não apenas profissionais do direito ao conhecimento, mais profissionais do direito à cultura, à formação humana dos educandos. Essa poderá ser uma questão obrigatória a ser aprofundada nos currículos de formação inicial e continuada de educadores/as de jovens e adultos. Iniciar por levantar projetos, práticas que já propõe trabalhar o direito à cultura. Analisar estas práticas, entendendo que concepções e que dimensões

da cultura privilegiam. Avançar aprofundando como articulam o direito à cultura com o direito ao conhecimento e à formação humana. Reconhecer-se ou ignorar-se a educação como porta da cultura (ARROYO, 2017, p. 169).

Com uma concepção aprofundada ao aspecto do ser humano que é criador em sua essência, pois, inventa sua própria realidade que existe intervindo ativamente no mundo. Com isso, nenhuma ciência particular pode esgotar essa realidade, pois está sempre mudando, se expandindo. A ciência pode resolver os problemas de ações que não estão predeterminadas e cujas consequências nunca podem ser inteiramente previstas, embora tenham algo de previsível (KONDER, 2009, p. 87). Como nos adverte o professor agente colaborador da pesquisa, quando apresenta fatos de problemáticas advindas do ambiente externo, porém com reflexo na escolarização:

[...] conscientizar o aluno que pegar um conteúdo desse ai de sala de aula que ele certamente já viu quando era regular e dizer para ele que aquele conteudismo é menos importante do que ele fazer a relação com o campo. Para que ele não fique achando que isso ai é enrolação isso é um dos problemas que eu tenho encontrado aqui, mais grave primeiro tem que sensibilizar o aluno e depois trabalhar o conteúdo. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Contudo, Arroyo nos adverte que a chegada dos educandos com vidas tão preconizadas as escolas, obrigam os professores/as a trabalharem com os conteúdos que venham a obter um processo de aprendizagem, de formação social e desenvolvimento humano. O direito a educação, ao conhecimento, a cultura esta configurado em formas que é necessário as práticas de vida na atualidade (ARROYO, 2014).

Outro fator extremamente importante é o Estado se sensibilizar para promover uma formação continuada para os profissionais deste campo de atuação, pois é de grande relevância para o desenvolvimento social, como afirma a professora:

[...] o principal investimento que eu acho principalmente os investimentos financeiros do próprio governo na capacitação de professores em cursos de formação para que consiga capacitar pessoas que sejam capazes de trabalhar tanto com a EJA... assim como a Educação do Campo. Ela teria que ser mais investida, ser mais trabalhada já que se preza tanto trabalhar com a realidade do aluno. Então assim como a Educação do Campo ela teria que ter investimento, profissionais capacitados e precisam realmente de capacitação porque o professor que não nunca trabalhou com escola do campo nem com a EJA, quando ele se depara em trabalhar com estas turmas, infelizmente acaba não tendo preparação nenhuma, acaba não tendo capacitação nenhuma, vai aprendendo no seu dia a dia como lidar com certas situações e as vezes a gente

encontra colegas que não se identifica de forma nenhuma, nem com Educação do Campo e nem com os alunos da EJA. [...] tem que saber ter uma boa linguagem, saber envolvê-los em cada conteúdo porque para eles tudo é novo, tudo é estranho. Tem que ter uma formação, uma experiência para poder conseguir atrai-los, tanto no meio que eles estão ali da escola quanto passar o conteúdo para eles. (TERESINHA, 2019, entrevista).

Um ponto de fundamental importância em destaque é: *A tarefa do conhecimento é permitir que nós sejamos muito mais nítidos em relação ao modo como queremos enxergar as coisas. E compartilhá-las com as outras pessoas.* É necessário difundir também aspectos sobre o campo de ensino, pois, quem dá aula já ouviu com frequência expressões como: professor, eu entendi, mas não sei explicar! Eu entendi, mas eu não sei contar! Portanto, só é capaz de dizer quem de fato aprendeu algo aquele que também consegue explicar. Quando o professor/a percebe que alguém que algo já entendeu e não consegue passar adiante, ele percebe que ainda não entendeu em profundidade. Porque do entendimento faz parte a capacidade de explicação. (CORTELLA, 2015a). Assim:

As possibilidades da minha prática... acho que é pegar o conteúdo e transformar na propriedade do aluno no campo de estudo, tudo parte do ponto da propriedade dele, questão ambiental, propriedade dele, estudo urbano, propriedade. Ele começa a se inserir e o ensino torna significado para ele. (ANTÔNIO, 2019, entrevista).

Percebe-se que este profissional de ensino está, intrinsecamente, ligado ao processo de humanização dos sujeitos: “Daí que, para este humanismo, não haja outro caminho senão a dialogicidade. Para ser autêntico só pode ser dialógico” (FREIRE, 2015a, p. 51). Portanto, os sujeitos oriundos deste campo de formação tendem a uma perspectiva social na qual articula uma perspectiva de seres humanos melhores.

Nesta perspectiva, é necessário estabelecer um diálogo para que ambos os envolvidos disponham de um aprendizado, configurando um encontro de sujeitos autores do destino visto que: “O que se pretende com o diálogo não é que o educando reconstitua todos os passos dados até hoje na elaboração do saber científico e técnico. Não é que o educando faça adivinhações ou que se entretenha num jogo puramente intelectualista de palavras vazias” (FREIRE, 2015a, p. 65). Diante disso, este diálogo permite que o professores/as desenvolva melhor suas práticas, como afirma, a seguir, a professora:

Eu acho que a formação o tentar trabalhar juntos e assim propostas que juntasse as duas que se trabalhasse, juntos como eu falei. A formação seria ai o ideal, tanto juntar o professor do campo quanto o professor da EJA e os dois terem uma formação, compartilhados juntos estas informações [...] tem cursos e que se encontra para discutir tanto a Educação do Campo quanto a educação da EJA se encontra a possibilidade dos profissionais poderem atuar de forma segura e compreensiva. (TERESINHA, 2019, entrevista).

O Estado deve pensar em uma formação para os profissionais integrantes deste campo de atuação.

Com o intuito de perceber a interação entre a Educação do Campo com a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, foi elaborada uma pergunta com o intuito de perceber as experiências entre a relação de ambas, contudo os agentes colaboradores da pesquisa declararam:

Esta relação que existe é justamente por eles viverem na zona rural essa é a relação que a gente ver justamente por conta disso, porque eles são moradores, as dificuldades que eles passam, os problemas que eles vivem lá no campo então tudo isso é trazido para sala de aula. (MARIA, 2019, entrevista).

Um aspecto que deve ser realçado é que o educando traz consigo uma bagagem que está ligada a sua vida cotidiana, prevalecendo assim: “A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado” (FREIRE, 2015a, p. 109-110). Ainda vale salientar sobre a importância da construção do conhecimento, pois como afirma Freire “[...] que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (2015b, p. 24).

Por fim, os agentes colaboradores falaram um pouco sobre o que não foi contemplado nos blocos de perguntas. Salientaram suas inquietações perante este campo de estudo, configurando reflexões para futuras pesquisas sobre este tema. “Esta continuidade existe; mas, precisamente porque é continuidade, é processo, e não paralisação. A cultura só é enquanto está sendo. Só permanece porque muda. Ou, talvez dizendo melhor: a cultura só “dura” no jogo contraditório da permanência e da mudança” (FREIRE, 2015a, p. 69). Um fator imprescindível é para quem esta modalidade de estudo é pensada, pois como afirma a professora:

Só gostaria de dizer que gosto muito de trabalhar com EJA. Já tem um tempo que trabalho, acho que quando eu fui para o Malta Maia eu já fui trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos. Sempre gostei de trabalhar com eles mais sinto esta dificuldade de material são alunos que a gente terminam tendo

um carinho muito grande e a gente termina se aproximam muitos da vida deles conhecendo muito sobre eles porque essa vivência a gente tem muito mais a dificuldade que a gente tem desse trabalho é muito grande (MARIA, ENTREVISTA, 2019).

Além disso,

O quanto a Educação de Jovens e Adultos possibilita, o quanto ela é importante que assim a gente falar muito do regular mais a gente esquece que a EJA é tão importante quanto o regular, porque é ela que possibilita essas pessoas que não tiveram oportunidades e que são muitas infelizmente em nosso país em nosso Estado (TERESINHA, ENTREVISTA, 2019).

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos tem tanta importância quanto o *dito* ensino regular. Ambos se configuram em uma possibilidade de emancipação dos sujeitos. Insistimos em dizer que uma parcela da sociedade precisa retomar os estudos inconclusos, uma nova chance para ampliar suas dimensões de formação perante o seu desenvolvimento e até mesmo uma possibilidade de contribuir com a vida e suas condições de trabalho. *A EJA e a Educação do campo como desafios, e também como possibilidades.*

Entretanto, em uma perspectiva de avanço social e pessoal, entende-se, através de uma perspectiva social, que: “Nós não nascemos prontos, temos que ser educados. Nós não nascemos como somos e temos de nos formar, e a educação também faz isso. Onde faz? Em todas as instituições da vida, uma delas é a escola.” (CORTELLA, 2015a, p. 17).

Para isso a Educação do Campo precisa ser inserida no contexto escolar como ressalta o professor:

Eu acho que a gente poderia, não sei se culpa nossa ou da UFRB mais, poderia ter mais este curso aqui no nosso colégio, tanto para a EJA quanto para o regular, porque a instituição que esta no vale e tem um curso de Educação do Campo e poderia esta mias presente tanto a UFRB quanto o IF Baineiro, mais a oportunidade de falar veio da UFRB agente faz este convite para instituição que ela venha mais aqui, convide a irmos lá, aceite o nosso convite de vir aqui, essa interação é necessária para que o que se produz lá é muito novo o conteúdo científico de fato e a gente precisa, carece disso para fazer uma educação de mais qualidade aqui. (ANTÔNIO, ENTREVISTA, 2019).

No entanto é preciso salientar como nos adverte Arroyo (2017) que: Não é suficiente convidar todos a entrarem na escola, se aproximarem da mesma e terem acesso aos conhecimentos por ela fomentada. Os docentes e os educandos têm direito a conhecer onde e

como que produz o conhecimento. O direito ao conhecimento fica limitado quando se nega o direito a conhecer a sua produção, sobretudo, quando se nega o direito a reconhecê-los e a reconhecer-se como sujeitos de produção, de conhecimentos.

Pensando assim, a educação não tem uma neutralidade em sua essência, pois se configura de uma abordagem histórica dos sujeitos sociais que em algum momento de suas vidas deixaram de acessar os seus direitos como agentes efetivos sociais. Contudo, esta pesquisa, além de promover um conhecimento para tecer considerações sobre EJAI e Educação do Campo, em formato de entrevistas que se entrelaçaram, ocupa-se da preocupação com as práxis, formação de professores, desafios e possibilidades estabelecidas através da escuta dos agentes colaboradores da pesquisa elucidada.

7. CONSIDERAÇÕES

Retomamos que a investigação realizada no curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias, no Centro de Formação de Professores - CFP da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, campus Amargosa - BA, teve como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a Educação do Campo na modalidade de ensino Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI em parceria com a instituição de ensino concedente, o Colégio Estadual José Malta Maia, sediado no município de Jiquiriçá - BA.

A pesquisa enfatiza potencialidades acerca da conjuntura desenvolvida, concernente a formação de professores no âmbito de ensino e aprendizagem para uma práxis pedagógica voltada aos desafios de uma educação contextualizada com a realidade dos camponeses. Faz-se necessário a intercalação das ideias sistêmicas no campo da pesquisa para análise dos dados obtidos e, posteriormente, confrontar com teóricos que comungam deste campo de pesquisa.

Como resultados, através das reflexões entre os professores/as pesquisados/as, referidos como agentes colaboradores da pesquisa, destaca-se que há necessidade de um olhar diferenciado, através das políticas públicas, para melhor atender este público docente, com formações continuadas e material didático (livro didático), necessário a prática docente, isso implica em um dever do Estado de Direito previsto em Lei.

A pesquisa também nos fez pensar sobre uma perspectiva interdisciplinar, também o trabalho com projetos pedagógicos que auxiliam a contextualização e a práxis pedagógica fomentada. Outro fator adjuvante da pesquisa é a prática aderida pela instituição que visa a construir os conhecimentos que estes estudantes trazem consigo, contextualizando a realidade com os conteúdos previstos para o ensino da Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Educação do Campo.

O andamento deste trabalho possibilitou analisar, por meio de uma pesquisa de campo, uma compreensão, através dos docentes que atuam com a modalidade de ensino da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJAI, enfatizando reflexões de professores que contextualizam suas aulas com os assuntos ministrados para o público, camponeses/as e trabalhadores, perpassando através de configurações para o campo de ensino.

Este estudo busca contribuir de forma direta para a atuação docente, entrelaçando pesquisa articulada com a proficiência correlacionada a formação. O desenvolvimento desta

temática possibilita aos educadores uma reflexão social, abrangendo um campo vasto de informações relevantes sobre a EJAI.

Nos resultados pesquisados foram elucidadas contextualizações com a realidade do público alvo, além de traçar reflexões para as políticas do Estado Brasileiro. Os objetivos do trabalho serviram de reflexões à visibilização da EJAI e dos povos camponeses, sua afirmação diante a sua identidade, que está diretamente comitente ao espaço escola nos revérberos dos docentes.

Cabe uma reflexão de tudo que os professores/as discorreram em entrevista, do Estado, através das políticas públicas, não trata de fornecer formações profissionais para os docentes, configurando assim o não fortalecimento para melhoria destas modalidades de ensino. Aqui, também deve-se discorrer sobre a instituição pesquisada, que promove, através da direção e coordenação, uma melhoria cotidiana, articulando encontros para trabalhar com projetos interdisciplinares e a busca de inovações com materiais didáticos, com conteúdo, que se articulem com a realidade dos estudantes. Há uma preocupação evidenciada em falas de professores sobre sua prática, para que os estudantes saiam aptos para fazerem aquilo que eles desejam em suas vidas como estudantes e trabalhadores.

Os sujeitos da pesquisa dividem anseios e premissas com uma busca incessante de uma educação vinculada a formação humana e social que visa a contribuir perenemente ao desenvolvimento posteriores, aos laços formativos posteriores e a práxis educacional. Este assunto aprimora o campo de ensino, contribuindo diretamente com os docentes que ministrando aulas neste contexto. Revelando necessidades posteriores ao campo de atuação na pesquisa em que possibilitam novas pesquisas a este contexto social.

Como possibilidades de continuidade, o questionamento de materiais didáticos não fornecido pelo Estado fica eminente, pois não há o fornecimento de materiais que se aproxima da realidade destes povos que estão inseridos nesta modalidade de ensino, além do não cumprimento do Estado com uma formação para os profissionais que deste campo fazem parte. Seria uma busca constante para que o processo de aprendizado se desenvolva de maneira igual para todas as classes sociais, que houvesse uma política do Estado de inclusão para todas as classes, potencializando as escolas no âmbito da escolarização dos estudantes e fornecesse subsídios de permanência em todas as esferas de ensino.

Contudo, o desenvolvimento social propiciado, através da escola, torna-se nítido aos sujeitos que dele faz parte, para além das suas vivências e condições humanas, sendo

perceptíveis a todos na sociedade os avanços destes povos. Vale lembrar do desafio atual em termos de política de estado, sobretudo através da estruturação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que não traz especificidades sobre a EJAI e a Educação do Campo, sendo negligente a classe trabalhadora. Outro fator preocupante é o ataque explícito a figura do grande educador brasileiro, professor Paulo Freire, que lutou por uma educação libertadora e marcada pela esperança que emerge da resistência dos povos.

Articulando a EJAI e da Educação do Campo, cabe elencar seu potencial de libertação, esperança e resistência. Ambas marcadas por uma educação com uma perspectiva humana de emancipação. Desejamos, ao se enveredar pelos caminhos de futuras pesquisas, ampliar reflexões sobre esta temática, irradiando assim novas abordagens e olhares perante o estudo desenvolvido.

8. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues de. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA). In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, p. 250-257.
- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 4ª reimpressão, 2018.
- ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 1ª reimpressão, 2017.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. et. al. **Por uma educação do campo**. CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Org.). 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BARBOSA, William Rodrigues. Tempo de Escola ou Tempo de Aprender? lições de José Luiz. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1183-1204, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000401183&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. RETO, Luís Antero; PINHEIRO, Augusto. (Trad.). 70. ed. Portugal, Lisboa. Lda, 2009. Título original: *L'Analyse de Contenu*. (Presses Universitaires de France, 1977).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: documento homologado. Brasília: MEC, 19 de dezembro 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. **Diário Oficial da União**, 29 de abril de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. **Diário Oficial da União**, 5 de novembro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm>. Acesso em: 19 de novembro de 2018.
- CALDART, Roseli Salete. EDUCAÇÃO DO CAMPO. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, p. 257-265.
- CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. (Org.). **Por uma educação do campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 148-158.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli. (Org.) **Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 4), 2002.

CERVO, Amado Luiz. et. al. **Metodologia científica**. BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CIAVATTA, Maria; RUMMERT, Sonia Maria. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, June 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não se desespere!**: provocações filosóficas. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 6ª reimpressão, 2017.

CORTELLA, Mario Sergio. **Nós e a escola**: agonias e alegrias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CORTELLA, Mario Sergio. **Pensar bem nos faz bem!**: 1. filosofia, religião, ciência e educação. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a. 10ª reimpressão, 2017.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua Obra?**: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015b.

COSTA, Francisco de Assis; CARVALHO, Horacio Martins de. CAMPESINATO. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, p. 113-120.

DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DI PIERRO, Maria Clara; ANDRADE, Marcia Regina. Escolarização em assentamentos no estado de São Paulo: uma análise da Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária 2004. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 246-257, Aug. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

FÁVERO, Osmar. Materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 39-62, Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

FIOD, Edna Garcia Maciel. Interdisciplinaridade na educação: algumas reflexões. In. VENDRAMINI, Célia Regina; AUED, Bernadete Wrublewski. (Org.). **Temas e Problemas no ensino em escolas do campo**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 155-180.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22).

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. (Trad.). 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a. Título original: ¿Extención o comunicación?.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. (Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Katia Pinheiro; SILVA, Lourdes Helena da. Reflexão e Análise da Formação de Educadores de Jovens e Adultos do Campo. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 555-573, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000200555&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jiquirica/panorama>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

JQUIRIÇÁ. Colégio Estadual José Malta Maia. **Projeto Político Pedagógico**. Jiquiriçá, Bahia, n. p. 2018.

JQUIRIÇÁ. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jiquiri%C3%A7%C3%A1&oldid=55516402>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

KONDER, Leandro. **O marxismo na batalha das ideias**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 200 p.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos; 23). 6ª reimpressão. 28. ed. de 1981.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 9-29.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. ESCOLA DO CAMPO. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, p. 324-331.

OLIVEIRA, Paloma Jesus de. RELATOS DOS BOLSISTAS. In: Márcia Luzia Cardoso Neves; Karoline Batista de Souza. (Org.). **PIBID diversidade na UFRB**: os caminhos da iniciação à docência nas escolas do campo. 1. ed. Feira de Santana: Z arte, 2018, v.1. p. 235-237.

PEREIRA, Sônia. Espaços de participação e escolarização de trabalhadores rurais: construção ou destituição do direito à educação no campo?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 359-371, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

SANTOS, Thiago Lopes. RELATOS DOS BOLSISTAS. In: Márcia Luzia Cardoso Neves; Karoline Batista de Souza. (Org.). **PIBID diversidade na UFRB**: os caminhos da iniciação à docência nas escolas do campo. 1. ed. Feira de Santana: Z arte, 2018, v.1. p. 255-257.

SCHNORR, Giselle Moura. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. In: SOUZA, Ana Inês. et. al. (Org.). **Paulo Freire: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2015. p. 65-93.

SILVA, Lourdes Helena da; COSTA, Vânia Aparecida; ROSA, Walquíria Miranda. A educação de jovens e adultos em áreas de reforma agrária: desafios da formação de educadores do campo. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 149-166, Apr. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

SOUZA, Ana Inês. et. al. (Org.). **Paulo Freire: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2015. p. 344.

TARDIN, José Maria. CULTURA CAMPONESA. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012, p. 178-186.

APÊNDICES

Apêndice – A

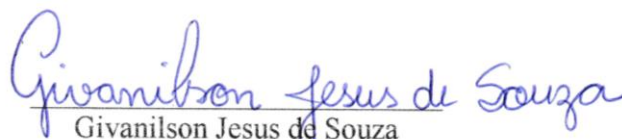


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÕES DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS**


CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Givanilson Jesus de Souza, portador do documento de identificação nº 0905277/2017, diretor do Colégio Estadual José Malta Maia, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA, sob responsabilidade dos pesquisadores Thiago Lopes Santos, estudante regularmente matriculado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias (CFP/UFRB), e seu orientador Professor Carlos Adriano da Silva Oliveira (CFP/UFRB). Para isto, será disponibilizado ao pesquisador: 1- Permissão de uso do nome do Colégio Estadual José Malta Maia no trabalho de conclusão de curso; 2- Permissão de uso da imagem do Colégio Estadual José Malta Maia no trabalho de conclusão de curso; 3- Circulação no espaço físico do colégio; 4- Permissão para convidar profissionais de ensino da Educação de Jovens e Adultos, com termo de consentimento livre e esclarecido, para responderem questionários e posteriormente participarem de entrevistas semiestruturadas (instrumentos metodológicos da pesquisa).

JIQUIRIÇÁ-BA, 05 de Agosto de 2019.



Givanilson Jesus de Souza
Diretor Colégio Estadual José Malta Maia


Thiago Lopes Santos
Pesquisador Responsável

Apêndice – B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÕES DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Questionário)

Caríssimos/as docentes a presente pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC doravante tem como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e EJA em uma escola no/do campo de Jiquiriçá-BA; sob o título EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJA): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA. A qual se entrelaça a partir da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB no Centro de Formação de Professores - CFP, campus Amargosa-BA, através da parceria com a instituição de ensino concedente o Colégio Estadual José Malta Maia sediado no município de Jiquiriçá-BA. Nesse sentido, foi elaborado o presente questionário e gostaria de contar com a sua colaboração para respondê-lo. Os dados obtidos serão sistematizados e utilizados, exclusivamente, para fins de elaboração do TCC e possíveis publicações futuras dele decorrente. O anonimato será garantido e seu nome não será citado. Sua participação é de suma importância para a construção deste trabalho que pretende avaliar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, contribuindo assim para o aperfeiçoamento dos mesmos no âmbito do desenvolvimento social, bem como para a ampliação acadêmica do conhecimento sobre a temática. Pesquisador Thiago Lopes Santos sob orientação do prof. Carlos Adriana da Silva Oliveira. Quaisquer que sejam as dúvidas estarei disposto a sanar tanto pessoalmente quanto via email que se segue discorrido: thiagolopes.123@hotmail.com.

Apêndice – C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÕES DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que fui informado/a sobre a realização desta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC doravante, sob o título EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA. A pesquisa tem como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e EJAI em uma escola no/do campo de Jiquiriçá-BA; onde se entrelaça em parceria com a instituição de ensino concedente o Colégio Estadual José Malta Maia sediado no município de Jiquiriçá-BA. Nesse sentido, os dados obtidos no questionário serão sistematizados e utilizados, exclusivamente, para fins de elaboração do TCC e possíveis publicações futuras dele decorrente. O anonimato será garantido e seu nome não será citado. Sua participação é de suma importância para a construção deste trabalho que pretende avaliar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, contribuindo assim para o aperfeiçoamento dos mesmos no âmbito do desenvolvimento social, bem como para a ampliação acadêmica do conhecimento sobre a temática. Deste modo, concordo em participar da pesquisa livremente fornecendo informações de suma importância ao pesquisador Thiago Lopes Santos sob orientação do prof. Carlos Adriana da Silva Oliveira. Portanto lavro minha assinatura no decorrente documento arrolado em duas cópias, ficando uma comigo e a outra com o pesquisador fomentado.

Assinatura: _____

AMARGOSA-BA, ___/___/2019.

Apêndice – D



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÕES DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Entrevista)

Caríssimos/as docentes a presente pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC doravante tem como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e EJA em uma escola no/do campo de Jiquiriçá-BA; sob o título EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJA): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA. A qual se entrelaça a partir da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB no Centro de Formação de Professores - CFP, campus Amargosa-BA, através da parceria com a instituição de ensino concedente o Colégio Estadual José Malta Maia sediado no município de Jiquiriçá-BA. Nesse sentido, foi elaborada a presente entrevista semiestruturada e gostaria de contar com a sua colaboração para respondê-la. Os dados obtidos serão sistematizados e utilizados, exclusivamente, para fins de elaboração do TCC e possíveis publicações futuras dele decorrente. O anonimato será garantido e seu nome não será citado. Sua participação é de suma importância para a construção deste trabalho que pretende avaliar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, contribuindo assim para o aperfeiçoamento dos mesmos no âmbito do desenvolvimento social, bem como para a ampliação acadêmica do conhecimento sobre a temática. Pesquisador Thiago Lopes Santos sob orientação do prof. Carlos Adriana da Silva Oliveira. Quaisquer que sejam as dúvidas estarei disposto a sanar tanto pessoalmente quanto via email que se segue discorrido: thiagolopes.123@hotmail.com.

Apêndice – E



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÕES DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que fui informado/a sobre a realização desta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC doravante, sob o título EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA. A pesquisa tem como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e EJAI em uma escola no/do campo de Jiquiriçá-BA; onde se entrelaça em parceria com a instituição de ensino concedente o Colégio Estadual José Malta Maia sediado no município de Jiquiriçá-BA. Nesse sentido, os dados obtidos na entrevista semiestruturada serão sistematizados e utilizados, exclusivamente, para fins de elaboração do TCC e possíveis publicações futuras dele decorrente. O anonimato será garantido e seu nome não será citado. Sua participação é de suma importância para a construção deste trabalho que pretende avaliar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, contribuindo assim para o aperfeiçoamento dos mesmos no âmbito do desenvolvimento social, bem como para a ampliação acadêmica do conhecimento sobre a temática. Deste modo, concordo em participar da pesquisa livremente fornecendo informações de suma importância ao pesquisador Thiago Lopes Santos sob orientação do prof. Carlos Adriana da Silva Oliveira. Portanto lavro minha assinatura no decorrente documento arrolado em duas cópias, ficando uma comigo e a outra com o pesquisador fomentado.

Assinatura: _____

AMARGOSA-BA, ___/___/2019.

Apêndice – F



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÕES DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS AGRÁRIAS

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA: Atestamos que as informações/dados produzidos no presente questionário serão utilizadas para fins acadêmicos/científicos e a identidade dos sujeitos/personagens da pesquisa não será divulgada. Desde já agradecemos.

1. SEXO: MASCULINO FEMININO

2. ANO DE NASCIMENTO: _____

3. VOCÊ SE CONSIDERA (autodeclara):

AMARELA/O

BRANCO/A

INDÍGENA

NEGRO/A

PARDO/A

OUTROS/AS Se a resposta for “outros/as” definir a cor: _____

4. VOCÊ RESIDE? ZONA RURAL ZONA URBANA

CIDADE: _____

BAIRRO/ COMUNIDADE: _____

5. QUAL A SUA FORMAÇÃO? Favor explicitar Graduação e Pós-Graduação de maneira detalhada – incluindo nomes dos cursos (se licenciatura ou bacharelado) e Instituição de Ensino Superior promotora.

6. SÓ É DOCENTE EM JQUIRIÇÁ?

SIM NÃO QUANTO TEMPO? _____

Se a resposta é “NÃO”, informar cargo/função que exerce no município de Jiquiriçá ou em outros municípios especificando-os:

PARA AS QUESTÕES 6.1 E 6.2 (Pode marcar mais de uma opção)

6.1. REDE: MUNICIPAL ESTADUAL PARTICULAR

6.2. EM QUE MODALIDADE/NÍVEL DE ENSINO?

EDUCAÇÃO INFANTIL

FUNDAMENTAL I

FUNDAMENTAL II

ENSINO MÉDIO

ENSINO SUPERIOR

DISCIPLINA/S EM QUE LECIONA?

7. EXERCE OUTRA ATIVIDADE REMUNERADA QUE NÃO SEJA A DOCÊNCIA?

SIM NÃO QUANTO TEMPO? _____

Se a resposta é “SIM”, informar cargo/função que exerce no município de Jiquiriçá ou em outros municípios:

8. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE E O QUE SIGNIFICA EDUCAÇÃO DO CAMPO?

SIM NÃO EM QUAL LOCAL? _____

Se a resposta é “SIM”, informar o que você compreende sobre Educação do Campo?

9. INDIQUE AS RAZÕES PARA ESCOLHER PARTICIPAR COMO DOCENTE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS NO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ MALTA MAIA. ESCOLHA APENAS AS TRÊS PRINCIPAIS RAZÕES, EM ORDEM DE HIERARQUIA – SENDO A PRIMEIRA RAZÃO A MAIS IMPORTANTE, DEPOIS A SEGUNDA E A TERCEIRA.

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
h) Aumento da cultura em geral			
i) Ocupação do tempo			
j) Enriquecimento do CV (título)			
k) Afinidade com a temática			
l) Vantagens financeiras de plano de carreira			
m) Não escolhi trabalhar na EJAI			
n) Outras (especificar nas linhas abaixo)			

10. O QUANTO A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS CONTRIBUIU PARA SUA PREPARAÇÃO E APRENDIZADO? (ESCOLHER APENAS UMA OPÇÃO);

Pouco	Razoavelmente	Muito	Não sabe

11. COMO VOCÊ AVALIARIA SEU DESEMPENHO DURANTE AS AULAS MINISTRADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS NAS

ATIVIDADES RELACIONADAS ABAIXO. ESCOLHER APENAS UMA OPÇÃO DE RESPOSTA PARA CADA ITEM (POR LINHA).

Item	Você diria que seu desempenho foi...				
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
h) Compreensão pessoal dos objetivos da EJAI					
i) Acompanhamento dos conteúdos trabalhados no cotidiano da EJAI					
j) Contextualização e adequação das atividades propostas					
k) Participação dos estudantes nas discussões					
l) Participação em cursos de formação continuada e especializações na área					
m) Tempo de dedicação aos estudos					
n) Relação interpessoal com estudantes no cotidiano das atividades					

12. A PROPOSTA DA PESQUISA ENGENDRA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS, COM CRITÉRIOS ESTABELECECIDOS A PARTIR DAS RESPOSTAS. SINALIZE SUA PREFERÊNCIA INICIAL EM RELAÇÃO A POSSÍVEIS DIAS DA SEMANA E MELHOR HORÁRIO/TURNO PARA REALIZAR UM ENCONTRO. (FAVOR APONTAR O MÍNIMO DE DOIS DIAS POSSÍVEIS).

Apêndice – G



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO-CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADAS

Caríssimos/as docentes estou trabalhando na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC doravante, com o título EDUCAÇÃO DO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS (EJAI): REFLEXÕES DE PROFESSORES/AS EM UMA ESCOLA NO/DO CAMPO - JIQUIRIÇÁ-BA. A pesquisa tem como objetivo analisar as percepções de professores/as sobre a relação entre Educação do Campo e EJAI em uma escola no/do campo de Jiquiriçá-BA; onde se entrelaça em parceria com a instituição de ensino concedente o Colégio Estadual José Malta Maia sediado no município de Jiquiriçá-BA. Nesse sentido, elaborei o presente roteiro de entrevistas semiestruturadas e gostaria de contar com a sua colaboração para respondê-lo. Os dados obtidos serão sistematizados e utilizados, exclusivamente, para fins de elaboração do TCC e possíveis publicações futuras dele decorrente. O anonimato será garantido e seu nome não será citado. Sua participação é de suma importância para a construção deste trabalho que pretende avaliar a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, contribuindo assim para o aperfeiçoamento dos mesmos no âmbito do desenvolvimento social, bem como para a ampliação acadêmica do conhecimento sobre a temática. Pesquisador Thiago Lopes Santos sob orientação do prof. Carlos Adriana da Silva Oliveira.

**Amargosa-BA
2019**

I - INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Nome: (FICTÍCIO/OPCIONAL) _____

2. Idade: _____ anos

3. Sexo: () Masculino () Feminino

4. Município em que reside: _____

5. Localidade onde reside: a. () No campo b. () Na cidade

II - INFORMAÇÕES SOBRE A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR

1. Fale um pouco sobre sua trajetória/experiência escolar como estudante.
2. Caso tenha estudado na modalidade de ensino da EJAI, ou alguma experiência que se aproxime da modalidade, favor relate como foram às vivências neste período.
3. Atualmente, como docente, o que destacaria de mudança considerando o seu período de estudante.

III - SOBRE O CAMPO DE ENSINO NA EJAI

1. Descreva sua opinião sobre o curso da EJAI?
2. Você já leu, ou tem conhecimento sobre o Projeto Político Pedagógico do curso da EJAI na escola?
3. Caso afirmativo na resposta anterior, responda os motivos que o levaram a ler o PPP. Destacaria algo em seu conteúdo?
4. Você tem algum familiar com vivência no ensino e estudo da EJAI?
5. Como você avalia a EJAI no âmbito da formação dos estudantes?
6. O que acha dos conteúdos ministrados na EJAI? Existe algum material específico?
7. Você acha que existe possibilidade de aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da EJAI? Comente por favor.
8. Em sua opinião, o que compreende como mais importante (um destaque bom) na atuação da EJAI? Comente.
9. O que destacaria como os principais desafios da EJAI na Escola? Comente.

IV CURSO DA EJAIE EDUCAÇÃO DO CAMPO

1. Você conhece ou escutou algo a respeito do movimento por uma educação do campo? Comente.
2. Existe algum debate/conteúdo que trabalha articulado com o contexto do campo?
3. Em sua opinião, a EJAI deve contemplar o debate sobre a Educação do Campo? Favor comente.
4. Considerando o seu percurso de vida social até o presente momento: quais os desafios na relação entre Educação do Campo e EJAI?
5. Em sua opinião, quais as principais possibilidades na prática que articula Educação do Campo e EJAI?

- 6. É possível perceber experiências da relação entre Educação do Campo e EJA na escola em que trabalha? Favor comente.**
- 7. Você gostaria de complementar a entrevista com algo que não foi perguntado e queira menciona referente a instituição escolar no âmbito da EJA e Educação do Campo?**

Agradecemos sua colaboração!!!

Atenciosamente Thiago Lopes Santos
Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira.